UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA –
PROLAM- USP

MARCO ANTONIO PIVA

A Revolução Sandinista e a política internacionalista do Partido dos
Trabalhadores para a América Latina na década de 1980

São Paulo

2016

MARCO ANTONIO PIVA

A Revolução Sandinista e a política internacionalista do Partido dos Trabalhadores para a América Latina na década de 1980

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina – PROLAM – USP para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Linha de pesquisa: Práticas Políticas e Relações Internacionais

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vivian Grace Fernández-Dávila Urquidi

São Paulo

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

PIVA, Marco Antonio

P696r A Revolução Sandinista e a política internacionalista do Partido dos Trabalhadores para a América Latina na década de 1980 / Marco Antonio PIVA; orientadora Vivian Grave Fernández-Dávila Urquidi – São Paulo, 2016. 95 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Integração da América Latina. Área de concentração: Integração da América Latina.

1. Partido dos Trabalhadores. 2. Revoluções. 3. Nicaraguenses 4. Política. 5. Brasil República. I. Urquidi, Vivian Grace Fernández-Dávila, orient. II. Título.

Nome: Marco Antonio Piva

Título: A Revolução Sandinista e a política internacionalista do Partido dos Trabalhadores para a América Latina na década de 1980

Dissertação apresentada ao Programa De Pós-Graduação em Integração Da América Latina – PROLAM – USP para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Linha de pesquisa: Práticas Políticas e Relações Internacionais

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vivian Grace Fernández-Dávila Urquidi

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Resumo: A partir da Revolução Sandinista, ocorrida na Nicarágua em 19 de julho de 1979, esta pesquisa analisa a opção do Partido dos Trabalhadores (PT) por uma política internacionalista com foco na América Latina na década de 1980, quando da sua fase de formação e consolidação social. Também compila as ações de solidariedade e descreve a política externa do partido neste seu primeiro ciclo de existência, que coincide com o fim da Guerra Fria, a ascensão da era republicana nos Estados Unidos da América e o avanço do conservadorismo neoliberal. A pesquisa analisou documentos oficiais do partido e bibliografia especializada em arquivos públicos e privados, além de realizar entrevistas com dirigentes e militantes que participaram na definição e implementação dessa política.

Palavras-chave: *Partido dos Trabalhadores, Revolução Sandinista, Nicarágua, Estados Unidos da América, Solidariedade, Internacionalismo.*

Abstract: Having the July 19th 1979 Sandinista Revolution in Nicarágua as its basis, this research analyses the option taken by the Worker's Party (PT) for internationalistic policies focused on Latin America at the start of the 1980's, when it underwent its creation and social consolidation. The study also actions of solidarity and this foreign policy adopted by the party, in its first cycle of existence, which coincided with the end of the Cold War, the ascension of the Republican Era in the U.S, and the advancement of neo-conservatism. The research analysed official party documents and biographies found in public and private archives, as well as interviewing party leaders and militants who participated in the implementation of these policies.

Keywords: *Worker's Party, Sandinista Revolution, Nicaragua, United States of America, Solidarity, Internacionalism.*

Figura 1: Mapa físico e administrativo da Nicarágua. Disponível em: <http://www.guiageo-americas.com/mapas/nicaragua.htm>. Acesso em: 10 Nov 2016.

LISTA DE SIGLAS

ABC – Denominação da região que concentra três cidades daquela região (André, Bernardo e Caetano). Em alguns casos, a sigla recebe o D, de Diadema.

ALN – Aliança Libertadora Nacional

CBA – Comitê Brasileiro de Anistia

CEB – Comunidade Eclesial de Base

CIA – Central Inteligency American

CMI – Conselho Mundial de Igrejas

EDSNM – Ejército Defensor de la Soberanía Nacional de Nicaragua

EGP - Ejército Guerrillero de los Pobres

ERP – Ejército Revolucionario del Pueblo

FAL – Fuerzas Armadas de Liberación

FAR - Fuerzas Armadas Revolucionárias

FARN – Fuerzas Armadas de Resistencia Nacional

FMLN – Frente Farabundo Martí Para la Liberación Nacional

FPA – Fundação Perseu Abramo

FPL – Fuerzas Populares de Liberación

FSLN – Frente Sandinista de Liberación Nacional

JS-19 – Juventud Sandinista 19 de Julio

OLAS – Organização Latino-americana de Solidariedade

ORPA - Organización Revolucionaria del Pueblo Armado

OSPAAAL – Organização de Solidariedade para a Ásia, África e América Latina

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PC do B – Partido Comunista do Brasil

PCS – Partido Comunista Salvadoreño

PDT – Partido Democrático Trabalhista

PGT - Partido Guatemalteco del Trabajo

PT – Partido dos Trabalhadores

RDA – República Democrática Alemã

SMP – Servicio Militar Patriotico

SNI – Serviço Nacional de Inteligência

TL – Teologia da Libertação

URNG – Unidad Revolucionária Nacional de Guatemala

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa físico e administrativo da Nicarágua.....	06
Figura 2: Daniel Ortega. Ato de solidariedade à Nicarágua. São Bernardo do Campo, fevereiro de 1980	31
Figura 3: Comemoração do 1º aniversário da Revolução Sandinista. Manágua, 19 de julho de 1980	31
Figura 4: Foto de Augusto Cesar Sandino.....	51
Figura 5: Foto de Anastácio Somoza García com os filhos Luis Somoza García e Anastácio Somoza Debayle.....	51
Figura 6: Moção de apoio da SRI-PT ao reatamento das relações diplomáticas entre Brasil e Cuba.....	71
Figura 7: Circular 05/83 da SRI-PT, 14/12/1983.....	73
Figura 8: Foto de jovens nicaraguenses em treinamento militar.....	77
Figura 9: Reportagem do Jornal do Brasil (s/d)	78
Figura 10: Convite da Juventude Sandinista ao PT para envio de voluntários para a colheita do café na safra 1987/88.....	83
Figura 11: Convocatória da SRI-PT para inscrição na brigada brasileira de colheita de café em 1987.....	84
Figura 12: Padre Miguel D’Escoto recebe apoio de d. Pedro Casaldáliga e do padre Roberto Granmaison durante greve de fome pela paz. Manágua,1985.....	85
Figura 13: Manifestação contra a ingerência dos EUA na Nicarágua. São Paulo, 1983...	85
Figuras 14 e 15: Fotos de voluntários brasileiros na colheita do café.....	89
Figura 16: Voluntários brasileiros participam de manifestação contra EUA.....	90
Figura 17: Imagem de internacionalistas mortos pela contrarrevolução.....	90
Figura 18: Panfleto de divulgação de ato em solidariedade à América Central.....	91
Figura 19: Diploma de reconhecimento de brigadista brasileira.....	92
Figura 20: Cartaz do movimento de solidariedade à Nicarágua.....	92

Para Vera,
Aos meus filhos Italo e Vitor,
pelo amor dedicado nesta jornada de vida, luta e superação.

*No lo siento, siquiera pienso,
a penas miro el horizonte de los Andes,
y para más allá de esa mirada,
despierta en mí un continente entero.*

(do autor)

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	13
INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I: <i>Anos de rebeldia</i>	25
CAPÍTULO II: <i>O caminho da Revolução Nicaraguense</i>	35
CAPÍTULO III: <i>A fundação do PT</i>	52
CAPÍTULO IV: <i>O latino-americanismo petista em atos</i>	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93

Agradecimentos

Remexer o passado é sempre uma tarefa difícil. Aquela lembrança tão viva de tempos atrás já não está mais em seu lugar e as peças que foram se perdendo ao longo do caminho são substituídas por outras, mais condizentes com o conforto do que queremos pensar sem esforço. Por isso, o trabalho que aqui apresento demandou muitas horas de meditação para recordar determinado fato, determinada época e assim reconstruir um pedaço de uma história na qual passo de protagonista a observador.

Isso não teria sido possível sem a ajuda preciosa e inestimável do advogado Luiz Eduardo Greenhalgh, que colocou seu acervo pessoal à minha disposição, e de sua competente equipe, integrada pela Rosângela, Terezinha e Edson. Passamos dias buscando documentos e imagens que dessem sustentação à hipótese desse trabalho.

Outro acervo fundamental foi o do Centro Sérgio Buarque de Holanda, da Fundação Perseu Abramo, fonte essencial de pesquisa sobre a história do Partido dos Trabalhadores. Agradeço especialmente a Iole Ilíada pela compreensão do projeto e o entusiasmo com que o apoiou, bem como ao Valter Pomar pela gentileza de suas conversas sobre a América Latina e observações agudas sobre este trabalho. Tive e agradeço o apoio de Fernando Padula, superintendente do Arquivo Público do Estado de São Paulo, espaço essencial e moderno para pesquisas acadêmicas, e o diplomata Clóvis Aguiar Jr., da Seção do Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores.

Registro, com carinho especial, que a decisão que tomei de viver na Nicarágua teve o apoio essencial e fraterno de Frei Betto e da Comissão Missionária Arquidiocesana de São Paulo (COMIAR), nas figuras de dom Luciano Mendes de Almeida e dom Celso Pedro. O suporte da Arquidiocese de São Paulo foi fundamental, assim como as permanentes palavras de ânimo do cardeal Paulo Evaristo Arns que encontrava tempo para enviar cartões postais para saber como as coisas estavam. Ele encerrava suas mensagens sempre com a mesma frase: “Contra toda esperança, mais esperança”.

Não posso deixar de mencionar amigos e antigos companheiros da Secretaria de Relações Internacionais do PT que, mesmo não sabendo, me ajudaram a elaborar essa dissertação: Ziga, Luzia, Ana, Marcia, Paulo, Mauro, Silvio, Favre, Claudia, Carlinhos, Júlio, Sergio, Sara,

Eliezer, Diva, Lucia, Vera, Fernandinha, Marco Aurélio Garcia, Clara Charf e a inesquecível e saudosa Nani Stuart. Sem eles, essa história não teria existido.

Por fim, reconheço e agradeço a minha orientadora, professora-doutora Vivian Grace Fernández-Dávila Urquidi. Sem seus conhecimentos metodológicos, sua persistência em não deixar que eu desanimasse e, principalmente, seu carinho fraterno, não teria conseguido chegar até aqui.

São Paulo, primavera de 2016.

INTRODUÇÃO

O final dos anos 1970 e o início da década de 1980 são marcados pela ascensão dos movimentos de luta armada na América Central. Na Nicarágua, a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) toma o poder em 19 de julho de 1979, derrubando a ditadura de Anastácio Somoza Debayle (Manágua, 1925 – Asunción, 1980), cuja família governara o país com mão de ferro durante 45 anos (1934-1979)¹.

A guerra civil nicaraguense, que em sua fase mais aguda durou de 1977 a 1979, foi uma das mais sangrentas da história contemporânea e custou a vida de 50 mil pessoas, sendo nove mil delas somente em Manágua, capital do país (Zimmermann, 2006, p. 91). Para efeito de comparação, o país possuía em 1979 cerca de 3,2 milhões de habitantes.

A conjuntura da virada dos anos 1970 para os anos 1980 sacudiu a América Latina que, no decorrer da nova década, viveu grandes jornadas de mobilização popular que levaram ao enfraquecimento e fim dos regimes militares autoritários. Para boa parte da esquerda do continente, a Nicarágua representava um sopro de esperança encravado no istmo centro-americano. Foram anos de muita luta política e confrontos armados ou, na análise do sociólogo mexicano Jorge G. Castañeda, “a segunda onda revolucionária” depois de Cuba (1994, p.84). Esse é o contexto do capítulo I (“Anos de rebeldia”).

Foi nessa conjuntura que deixei o emprego de repórter do extinto “Diário Popular” e decidi ir para a Nicarágua. No primeiro período de minha estadia, entre maio de 1981 a maio de 1983, trabalhei como membro da Comissão Missionária Arquidiocesana de São Paulo (COMIAR) na Igreja Santa Maria de Los Angeles, na periferia de Manágua, onde era organizador de grupos de jovens. Fui também professor de Religião na Escola de Educação Fundamental da Ordem Dominicana, no bairro Monsenhor Lezcano.

No segundo período que vivi na Nicarágua, de outubro de 1984 a dezembro de 1985, exerci o jornalismo como correspondente das rádios Eldorado, de São Paulo, e França Internacional, de Paris (serviços em português e espanhol) e fui representante político do

¹ A família Somoza manteve hegemonia política, econômica e militar na Nicarágua de 1934 a 1979, alternando períodos diretos e indiretos na Presidência da República. O patriarca Anastasio Somoza García governou em dois períodos: 1937 a 1947 e 1950 a 1956. Luis Somoza Debayle, o filho mais velho, presidiu o país entre 1956 e 1963, e Anastasio Somoza Debayle, o filho mais novo, governou entre 1967 e 1972 e 1974 e 1979, quando foi derrubado pelos sandinistas.

Partido dos Trabalhadores (PT) junto à Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Entre uma estadia e outra, passei meses percorrendo o Brasil e realizando palestras e debates sobre a Revolução Sandinista a convite dos movimentos sociais e populares. O objetivo desses encontros era fortalecer a solidariedade com a revolução.

Dessa experiência foram escritos dezenas de artigos em jornais e revistas e dois livros, em co-autoria com Marcia Cruz-Redding: *“Fazendo amor na Nicarágua”* (Editora Vozes, 1985) e *“Nicarágua – um povo e sua história”* (Edições Paulinas, 1986).

A minha experiência individual fazia parte de uma política de solidariedade desenvolvida pelo Partido dos Trabalhadores na época estudada. Esta pesquisa analisa a influência da Revolução Sandinista na opção do PT por uma política internacionalista com foco na América Latina na década de 1980, quando da sua fase de formação, consolidação social e oposição ao regime militar brasileiro. O primeiro ciclo de existência do partido coincide com o fim da Guerra Fria, a ascensão da era republicana nos Estados Unidos da América e o avanço do conservadorismo neoliberal.

A pesquisa foi feita com base em registros oficiais do PT, documentos da época em arquivos públicos e privados e livros, além da realização de entrevistas com dirigentes e militantes que participaram na definição e implementação dessa política.

A Revolução Sandinista marcou uma etapa vitoriosa no longo caminho da resistência nicaraguense, marcada por um histórico que passa pelas lutas dos indígenas contra a ocupação espanhola, iniciada em 1552, a busca pela independência na América Central no século XIX e o surgimento, nas primeiras décadas do século XX, dos movimentos nacionais que lutaram contra a intervenção e o domínio dos Estados Unidos.

Nessa trajetória de resistência, a figura de Augusto Cesar Sandino (Niquinohomo, 1895 – Manágua, 1934) é emblemática. Filho bastardo de um comerciante de café com uma empregada doméstica, Sandino despertou para a causa nacionalista quando acompanhou de perto a morte do general Benjamín Zeledón em 4 de outubro de 1912, na localidade de Catarina, próxima à cidade de Masaya. Ali, Zeledón foi morto por soldados norte-americanos que haviam sido enviados ao país para garantir a presidência do aliado conservador Adolfo Díaz.

Em 1926, Sandino se juntou às tropas liberais que resistiam à ingerência norte-americana desde 1909 quando houve a deposição de José Santos Zelaya (1853-1919) da Presidência da República. Essas tropas eram lideradas por José María Moncada (1870-1945).

Em 1927, Sandino se sentiu traído por Moncada, que negociou um acordo de paz sem consultá-lo, com o objetivo de garantir sua reinserção na vida política do país e posterior eleição à Presidência da República. O pacto de Espino Negro, como ficou conhecido, foi feito com o enviado especial de Washington, Henry Stinson. Como moeda de troca, Moncada aceitou a permanência das tropas norte-americanas em solo nicaraguense.

Em 1º de julho de 1927, Sandino divulga seu primeiro manifesto político onde ataca os liberais que fizeram o acordo e anuncia sua intenção de continuar a luta contra a ocupação militar norte-americana. Endereçado aos nicaraguenses, centro-americanos e todos os da raça indo-hispânica, Sandino faz um recorte de classe ao se referir aos oprimidos e assinala que sua luta é internacionalista:

“(…) El vínculo de nacionalidad me da derecho a sumir la responsabilidad de mis actos en las cuestiones de Nicaragua y, por ende, de la América Central y de todo el Continente de nuestra habla, sin importarme que los pesimistas y los cobardes me den el título que a su calidad de eunucos más les acomode.

(…) Soy trabajador de la ciudad, artesano como se dice en este país, pero mi ideal campea en un amplio horizonte de internacionalismo, en el derecho de ser libre y de exigir justicia, aunque para alcanzar ese estado de perfección sea necesario derramar la propia y la ajena sangre. Que soy plebeyo dirán los oligarcas o sean las ocas del cenagal.

No importa: mi mayor honra es surgir del seno de los oprimidos, que son el alma y el nervio de la raza, los que hemos vivido postergados y a merced de los desvergonzados sicarios que ayudaron a incubar el delito de alta traición: los conservadores de Nicaragua que hirieron el corazón libre de la Patria y que nos perseguían encarnizadamente como si no fuéramos hijos de una misma nación.”²

² O manifesto político de Sandino está disponível na íntegra em <http://www.elpaiscanario.com/primer-manifiesto-politico-de-augusto-cesar-sandino/> . Acesso em 15 Nov 2016.

Considerado idealizador da primeira “guerra de guerrilha” do continente latino-americano e de convicções profundamente nacionalistas, Sandino aglutinou um pequeno grupo armado e criou, em 2 setembro de 1927, o *Ejército Defensor de la Soberanía Nacional de Nicaragua* (EDSNN) para seguir enfrentando as tropas invasoras. As ações sandinistas se tornaram conhecidas na América Latina, ganharam a simpatia de comunistas e liberais e passaram a ser um entrave para o governo de José María Moncada, que fora eleito em 6 de novembro de 1928 sob a tutela norte-americana, e também para o seu sucessor, Juan Bautista Sacasa, que assumiu em 1932.

Sandino era uma ameaça aos objetivos estratégicos dos Estados Unidos para a região centro-americana. O exército sandinista permaneceu ativo até 31 de dezembro de 1932.³ Contabilizou vários combates contra os “marines” e a Guarda Nacional, instituição militar criada em novembro de 1927 pelo governo norte-americano para garantir o domínio sobre a Nicarágua por meio de comandantes leais a Washington.

Um deles, Anastácio Somoza García, se tornaria seu diretor-geral em 1º de janeiro de 1933 e, em 21 de fevereiro de 1934, ordenou o assassinato de Sandino após um jantar no palácio presidencial que celebrava justamente o acordo de paz entre os rebeldes e o governo de Sacasa.

O capítulo II (“O caminho da Revolução Nicaraguense”) descreve a dinâmica que levou à ascensão e queda da família Somoza, protagonista de uma das ditaduras mais longas e repressivas da história. Contextualiza os sujeitos históricos que foram decisivos no processo revolucionário e as condições nacionais e internacionais para a conquista do Estado pelos sandinistas, em 1979. O professor do Departamento de Ciências Políticas da Western University do Canadá, Andrés Pérez-Baltodano (2003), descreveu assim aquele momento:

“Más concretamente, el FSLN fue capaz de presentar, como viable y legítima, la aspiración de una Nicaragua fundamentada en tres valores esenciales: la soberanía nacional, la justicia social y la democracia popular. Frente a la

³ Antes da revolução de 1979, havia pouca bibliografia sobre a trajetória de Sandino. O historiador argentino, naturalizado mexicano, Gregório Selser publicou, em 1959, o livro “Sandino – el general de hombres libres”, com prólogo de Miguel Ángel Astúrias (Buenos Aires: Editorial Triangulo, 1959). Foi após o triunfo revolucionário que muitas obras foram lançadas, especialmente na Nicarágua, mas também no México, Espanha e Estados Unidos.

dependencia externa de un país, marcado por el fenómeno de la intervención extranjera, el sandinismo aspiraba a la construcción de una patria soberana; frente a la realidad de la pobreza y la desigualdad social, la revolución proponía edificar una sociedad organizada de acuerdo a la “lógica de las grandes mayorías”; y, frente al fenómeno de la exclusión política y la dictadura, propuso crear las condiciones necesarias para transformar a los nicaragüenses en “arquitectos de su propio destino”. La soberanía, la justicia social y la democracia popular fueron los tres valores fundamentales que sintetizaban las aspiraciones de la sociedad nicaragüense a finales de la década de los 1970s.” (Pérez-Baltodano, 2003).

A Frente Sandinista de Libertação Nacional foi inspirada em duas bandeiras. A primeira, foi a luta de Sandino, resgatado para a história do país depois de décadas de ostracismo promovido pela narrativa hegemônica somozista. A segunda bandeira estava ligada ao triunfo da Revolução Cubana.

Fundada em 1961 por estudantes radicalizados de León, que haviam rompido com o pró-soviético Partido Socialista Nicaraguense (PSN), a FSLN optou pela luta armada desde o seu início e se auto-definiu como “vanguarda do povo nicaraguense”. O curioso é que o manifesto de fundação só viria a ser oficializado oito anos depois, em 1969, quando a FSLN publica as bases de um futuro governo revolucionário e defende abertamente a guerra popular para derrubar a dinastia somozista.⁴

Antes disso, os sandinistas atuavam a partir de bandeiras genéricas como justiça social, liberdade e reforma agrária, enfatizando em seus panfletos, distribuídos clandestinamente entre a população, que somente a luta armada traria as condições necessárias para a derrota definitiva da família Somoza.

Apesar de algumas tentativas fracassadas de ações militares de maior envergadura - Pancasán, em 1967, por exemplo -, a guerrilha se limitava a assaltos a bancos, sequestros de personalidades ligadas ao regime, ocupações relâmpagos de bairros urbanos e de

⁴ Disponível em

<http://americo.usal.es/oir/opal/Documentos/Nicaragua/FSLN/PROGRAMA%20HISTORICO%20DEL%20FSLN.pdf>.

Acesso em 8 Out 2015.

comunidades rurais, manifestações de rua e investidas de forte impacto na opinião pública como foi a invasão da mansão do empresário somozista “Chema” Castillo durante a ceia do Natal de 1974. No local estava a maior parte do corpo diplomático acreditado no país e o objetivo era tornar refém o embaixador norte-americano. Mas, ele abandonou o recinto antes do previsto. Mesmo assim, foi a primeira ação de sucesso dos sandinistas porque toda a movimentação das tropas fora da casa foi transmitida pela rádio e televisão e acompanhada pela população. Os revolucionários conseguiram a libertação de 30 presos políticos, um milhão de dólares e um avião para sair do país em segurança.

Outra ação guerrilheira que mexeu com a opinião pública foi a ocupação do Congresso Nacional, em agosto de 1978, quando foram feitos mais de 300 reféns, a maioria de parlamentares. Liderada por Éden Pastora, conhecido como comandante “Zero”, a ação se tornou um grande êxito com a libertação de 50 prisioneiros políticos (entre eles Tomás Borge Martinez, o único fundador vivo da FSLN), três milhões de dólares e um avião para fugir para Cuba. Novamente, a transmissão ao vivo pelos meios de comunicação incentivou a mística guerrilheira e, no trajeto até o aeroporto da capital, milhares de nicaraguenses saudavam os revolucionários, impondo mais uma derrota política a Somoza.

Foram 18 anos de luta com a estimativa de que entre 300 a 400 militantes do partido tenham morrido em combate ou por causa da repressão somozista. O total de mortos durante a fase mais intensa da guerra civil, que durou entre 1977 e 1979, foi bem maior. Mas, grande parte dos combatentes que morreram nesse período estava formada por pessoas que haviam se somado à guerrilha e não eram necessariamente quadros do partido. Estima-se que, no momento do triunfo, a FSLN não possuía mais do que 500 militantes oficialmente reconhecidos como quadros partidários, o que reforça a concepção de uma guerrilha fortemente centralizada e com a característica de vanguarda, como sempre defenderam.

Aos olhos da sociedade nicaraguense, a morte de um sandinista em combate vinha acompanhada de um crescimento da popularidade e da mística da guerrilha (Belli, 2003, p. 123). O escritor Sergio Ramirez também ressalta esse viés de endeusamento dos guerrilheiros. Em seu livro “Adios muchachos”, o capítulo 2 (“Vivir como los santos”) é

inteiramente dedicado aos jovens que deram suas vidas pela causa da revolução (Ramirez, 2011, p. 47).

Mas, nem todos concordam com a mística sandinista. O sociólogo guatemalteco Edelberto Torres-Rivas, um dos mais importantes estudiosos das questões políticas da América Central, atribui a revolução nicaraguense a uma combinação de fatores internos e externos, ocorrida numa época que não cabiam mais revoluções (Torres-Rivas, 1998, pp.251 e 252):

“La voluntad frente a los hechos nos colocó, sin saberlo, a contrapelo de la historia. Fuimos revolucionarios a destiempo. Objetivos reformistas con actores armados y ánimo radical, nadando contra el flujo predecible de la corriente, de la dirección en que se movía el flujo universal de la historia. (...) En Centroamérica la revolución fue inevitable, en el resto del mundo, ya era imposible después de la revolución cubana.”

O fato é que a derrubada da ditadura somozista, em 1979, colocou a Nicarágua pela primeira vez no cenário mundial e o que ali se passava começou a influenciar organizações políticas de esquerda na América Latina e no mundo.

No Brasil, a solidariedade das esquerdas com o processo revolucionário nicaraguense superava as divergências domésticas para se transformar em uma ferramenta de mobilização unificada. Paralelamente, as circunstâncias históricas no Brasil que confluíram para a criação do Partido dos Trabalhadores e seu lançamento oficial em 10 de fevereiro de 1980, coincidem com os movimentos de libertação nacional existentes nesse momento na Nicarágua, El Salvador e Guatemala. Sobre esses temas falaremos nos capítulos III e IV (“A fundação do PT” e “O latino-americanismo petista em atos”).

Por outro lado, uma análise praticamente consensual no meio acadêmico indica que a fundação do PT se deu pela junção de três atores principais: o novo sindicalismo nascido no ABC, a Igreja Católica progressista e ex-militantes da luta armada. A eles se somaram ainda intelectuais liberais radicalizados com origem no antigo Partido Socialista Brasileiro (PSB), políticos do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e grupos trotskistas (Secco, 2012, p.26). Michael Löwy também vai nessa mesma linha para identificar os principais

protagonistas da criação do partido e seu caráter inovador, baseado no socialismo democrático e libertário (Löwy, 1999, p. 530).

Os passos iniciais da política externa do PT registraram uma disputa ideológica fundamentalmente entre três visões: a latino-americanista, a socialdemocrata europeia e a socialista ortodoxa. O caminho em direção a Moscou estava fechado por conta das relações históricas que a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) mantinha com o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Este, por sua vez, tratava de alimentar o bloqueio para evitar qualquer aproximação do PT por considerar que o bloco socialista era sua área de influência exclusiva.

Com a nomeação, em 1980, do primeiro secretário de Relações Internacionais, o sociólogo Francisco Weffort (1937), os ventos sopraram inicialmente em direção à Europa ocidental. Weffort possuía fortes vínculos com lideranças dos partidos socialistas europeus, estabelecidas durante seu exílio, e acreditava que o PT deveria começar sua inserção internacional pelo velho continente. No segundo semestre de 1983, com a posse do advogado Luiz Eduardo Greenhalgh (1948) no cargo, teve início a implementação orgânica de uma visão latino-americanista dentro do partido.⁵

Para um partido de esquerda que nascia de baixo para cima, através de núcleos de base e com a perspectiva de um socialismo que convivesse com a democracia representativa, a adoção de uma linha latino-americanista na política externa petista foi se impondo de forma gradual considerando o cenário da época: enfraquecimento das ditaduras do Cone Sul e guerrilhas de libertação nacional na América Central, com destaque para El Salvador, a vitória da Revolução Sandinista e a lealdade ideológica, quase sentimental, à Revolução Cubana.

A partir de 1983, a Secretaria de Relações Internacionais do PT (SRI-PT) opta por privilegiar a integração com partidos e movimentos de esquerda da América Latina, especialmente a Revolução Sandinista, o que influencia a formulação da política externa petista. Na circular 05/1983, de 14/12/1983, a Secretaria de Relações Internacionais faz um chamado aos diretórios estaduais solicitando a indicação de três membros que

⁵ Dado corroborado por Luiz Eduardo Greenhalgh, advogado e fundador do PT, em depoimento pessoal ao autor em 02/09/2016.

serviriam de elo de ligação visando a estruturação de uma campanha nacional de solidariedade à Nicarágua.⁶ A orientação tinha sido aprovada na reunião da Executiva Nacional do partido em 1º de outubro de 1983, mostrando naquele momento o engajamento com a Revolução Sandinista.

Valter Pomar, ex-secretário de Relações Internacionais do PT no período 2007-2011, relata assim aquela época:

“Minha lembrança é de que a revolução sandinista ocupava um lugar muito importante no imaginário do ‘petista médio’. Neste imaginário, a constelação soviética estava em declínio, a constelação chinesa nunca chegou a ter um lugar de destaque, a constelação africana e vietnamita parecia longe demais, a constelação sul-americana era meio confusa, mas a centro-americana e caribenha estava em alta, com destaque, pela ordem, para Nicarágua, El Salvador e Cuba.”⁷

O volume e a importância política da visão latino-americanista do PT em sua fase inicial estão inscritos em dezenas, talvez centenas de histórias pessoais e coletivas que inspiraram jovens brasileiros a viver na prática a experiência de uma revolução, como foi o caso do autor dessa dissertação. De acordo com estimativas dessa pesquisa, baseadas na documentação encontrada, foram cerca de 500 pessoas que participaram diretamente de atividades profissionais e voluntárias em território nicaraguense, a maioria delas ligada ao PT.

Os depoimentos de alguns jovens brasileiros que estavam participando do processo revolucionário nicaraguense naquela época mostram a forte presença do PT:

“Há aqueles que foram por contingências familiares, outros por iniciativa individual, mas a fatia maior tem um fio que a une: são militantes do Partido dos Trabalhadores. Jovens médicos, enfermeiros, assistentes sociais, engenheiros, jornalistas, que se apresentaram como voluntários para ir vivenciar a revolução

⁶ Como veremos mais adiante, no capítulo IV, esse documento mostra o engajamento do PT na solidariedade à Nicarágua.

⁷ Depoimento pessoal ao autor em 10/04/2016.

*sem exigir nada em troca. São pessoas que trabalham por salários miúdos e não se recusam a ser instaladas em plena zona de combate, se for necessário.”*⁸

Essas histórias foram marcadas por um espírito de heroísmo e cumplicidade e deixaram registros dispersos que, com o passar do tempo, foram encontrando espaço apenas nas memórias e lembranças de quem pode vivê-las. O resgate desses atos como elementos constitutivos de uma época histórica e da determinação de militantes da juventude brasileira representa um esforço intelectual para entender os motivos pelos quais a solidariedade ao povo nicaraguense se tornou um vigoroso instrumento de mobilização política por meio do Partido dos Trabalhadores.

As limitações de um trabalho acadêmico com uma forte característica pessoal são evidentes. Muitos dos relatos que apresento não foram pensados inicialmente para uma pesquisa nesse âmbito e isto traz um risco maior de subjetividade ou mesmo uma visão incompleta dos fatos narrados, algo difícil de corrigir nesse momento.

Por isso, a tentativa de pormenorizar acontecimentos com detalhes, cuja autenticidade combinam depoimentos pessoais com pesquisa em arquivos públicos e privados. Nesse sentido, tratei de evitar ao máximo a minha interpretação, até porque podem existir discordâncias em relação às pessoas que presenciaram exatamente os mesmos fatos.

Fica, de qualquer maneira, a contribuição para que esse momento da história latino-americana, com foco na solidariedade entre dois povos, esteja registrado para as gerações futuras, um dos principais objetivos dessa dissertação.

⁸ No livro “Nicarágua – a bala na agulha” (Editora Ícone, 1987), a autora Rosana Bond publicou uma série de depoimentos dos voluntários brasileiros sobre as difíceis condições de vida existentes no país e, ao mesmo tempo, o entusiasmo com a perspectiva de construção de uma nova sociedade. A citação está na página 56.

CAPÍTULO I

Anos de rebeldia

O final dos anos 70 e o início da década de 1980 são marcados pela ascensão dos movimentos de luta armada na América Central. Na Nicarágua, a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) toma o poder em 19 de julho de 1979, derrubando a ditadura de Anastácio Somoza Debayle, depois de 45 anos de uma dinastia familiar.

A guerra civil nicaraguense resultou em 50 mil mortos, sendo nove mil apenas em Manágua, segundo dados da Cruz Vermelha (Zimmermann, 2006, p. 91). A vitória nicaraguense deu ânimo aos movimentos guerrilheiros que estavam em curso em alguns países do continente, mas especialmente às insurreições armadas de El Salvador e Guatemala, tornando a região centro-americana em um foco de combates (Zimmermann, 2006, p. 18).

No vizinho e pequeno El Salvador, a Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional (FMLN) inicia uma ofensiva em 10 de janeiro de 1981, depois de um longo, intenso e instável processo de unificação das cinco organizações político-militares que a formaram.⁹ Nesse dia, os guerrilheiros, em uma ação articulada, ocuparam as principais emissoras de rádio de San Salvador para transmitir a mensagem do comandante Salvador Cayetano Carpio, membro do comando geral da FMLN (Sue-Montgomery e Wade, 2006, p. 75):

“Chegou o momento de darmos início às batalhas militares e insurrecionais decisivas para a tomada do poder pelo povo e a para a constituição de um governo democrático e revolucionário. Convocamos o povo para se erguer como um só corpo, com todos os seus meios de combate, sob as ordens de seus líderes imediatos, em todas as frentes de batalha e por todo o território nacional. O triunfo definitivo está nas mãos deste povo heroico...Revolução ou morte, venceremos!”.

⁹ A FMLN foi formada pelo Partido Comunista Salvadorenho (PCS), Exército Revolucionário do Povo (ERP), Forças Armadas de Resistência Nacional (FARN), Forças Armadas de Libertação (FAL) e Forças Populares de Libertação (FPL).

Enquanto isso, dois quartéis no interior do país, um em Santa Ana e outro em San Francisco Gotera, eram tomados por oficiais e soldados rebeldes.

Para a FMLN, aquele dia marcaria a “ofensiva final” contra a ditadura salvadorenha. Mas, não foi bem assim o que aconteceu. Apesar do impacto inicial causado nas forças regulares do exército, principalmente pelo fator surpresa, o sistema de comunicação entre as diferentes frentes de luta falhou, as armas não chegaram na quantidade que se esperava e os grupos de combatentes atuaram de forma desordenada.

Depois de dois dias de luta, que mostraram certo vigor das forças revolucionárias, o exército salvadorenho retomou a iniciativa e passou a encurralar os guerrilheiros, que se refugiaram nas montanhas de Morazán, Cuscatlán e Chalatenango. A partir da desproporcional repressão à população civil, mortos e feridos se multiplicaram e eram contados às dezenas, diariamente, numa guerra civil que durou onze anos até a assinatura de um acordo de paz e reconciliação em 1992. Uma das principais vítimas do conflito foi o arcebispo de San Salvador, dom Oscar Arnulfo Romero (1917-1980), morto durante a celebração de uma missa.¹⁰

O processo salvadorenho guarda semelhanças com o que aconteceu na Nicarágua. Com o menor território e a segunda maior população da região, coube ao país ser a base de uma industrialização primária e exportadora que gerou uma classe operária mais numerosa, o que explica a força do Partido Comunista Salvadorenho a partir da década de 30. Löwy trata desse período de organização dos comunistas salvadorenhos, quando houve o que ele chama de “a rebelião vermelha de El Salvador (Löwy, 1999, p.121).

Na Guatemala, a unificação das forças populares e revolucionárias se deu em 1982 em torno da Unidade Revolucionária Nacional da Guatemala (URNG),

¹⁰ Dom Oscar Arnulfo Romero desenvolvia uma pastoral comprometida com os pobres e os direitos humanos. Foi beatificado pelo Papa Francisco em 23 de maio de 2015. Seus assassinos nunca foram encontrados.

seguindo os passos do que havia acontecido na Nicarágua e em El Salvador, mas numa dimensão mais modesta e com muito menos adesão popular.¹¹

Ainda estava fresca na memória dos setores revolucionários, a derrota da guerrilha no final dos anos 1960 com o desmantelamento das Forças Armadas Revolucionárias (FAR) e do Movimento Revolucionário 13 de Outubro (MR-13) e a morte de seus principais líderes, Turcios Lima e Yon Sosa.

A questão étnica sempre foi um desafio para a luta revolucionária na Guatemala, já que 60% da população são indígenas e pertencem a 22 grupos diferentes. Em 1979, o *Ejército Guerrillero de los Pobres* (EGP) divulgou um “*Manifiesto*” onde ressalta a importância da questão indígena para o movimento revolucionário. Um trecho do documento diz:

“Não poderá haver triunfo revolucionário na Guatemala se este não implicar o desaparecimento da opressão étnico-cultural, a incorporação dos povos indígenas à plenitude dos direitos econômicos, políticos e sociais, e a constituição de um contexto de convivência nacional sem desigualdades, comum e conjunto com a população mestiça.” (Löwy, 1999, p.387)

Mesmo assim, foi um momento de muita esperança para parte expressiva da esquerda continental, o que consolidou “a segunda onda revolucionária latino-americana, cujo centro de gravidade se deslocou para a América Central. A primeira onda revolucionária foi a Revolução Cubana, em 1959” (Castañeda, 1994, p. 84).

Esses movimentos reacenderam em várias partes do mundo o sentimento de solidariedade aos povos em luta e a América Latina não fugiu à regra, especialmente porque muitos militantes de esquerda, perseguidos em seus países por regimes militares

¹¹ A URNG foi formada por quatro organizações: Partido Guatemalteco do Trabalho (PGT, de origem comunista), Organização Revolucionária do Povo Armado (ORPA), Ejército Guerrillero dos Pobres (EGP) e Forças Armadas Revolucionárias (FAR).

autoritários, rumaram para a região centro-americana para engrossar as colunas guerrilheiras e as brigadas de saúde e logística. O escritor Sergio Ramirez Mercado, que foi um dos principais personagens da revolução e vice-presidente de Daniel Ortega Saavedra no mandato presidencial da FSLN entre 1985 a 1990, registra em seu livro de memórias “Adiós muchachos” (Ramírez, 2011, p. 250):

“A revolução sandinista foi uma utopia compartilhada. Assim como marcou uma geração de nicaraguenses que a fez possível e a manteve com as armas nas mãos, também houve uma geração no mundo que nela encontrou uma razão para viver e acreditar; que lutou para defendê-la em muitas trincheiras da guerra contrarrevolucionária e do bloqueio dos Estados Unidos. Uma geração da Europa, dos Estados Unidos, Canadá, América Latina que promoveu comitês de solidariedade, arrecadando dinheiro, medicamentos, material escolar, suprimentos agrícolas ou escrevendo na imprensa, circulando abaixo-assinados, pressionando parlamentos e organizando manifestações. (...) Gente de todas as partes veio à Nicarágua numa demonstração de solidariedade que só tem paralelo com a causa da República nos anos da guerra civil espanhola. (...) A revolução sandinista alterou os parâmetros das relações internacionais sob a Guerra Fria e, ao se converter em prioridade da política externa dos Estados Unidos na presidência de Reagan, criou uma imensa solidariedade mundial que ajudava Davi a se defender de Golias.”

No Brasil, surgiram comitês de solidariedade em várias cidades, estimulados por partidos políticos de esquerda, entidades sindicais e estudantis, movimentos sociais e populares. Particularmente importante foi a disseminação da Teologia da Libertação¹², que passou a ser a orientação pastoral de setores expressivos da Igreja Católica como bispos, padres,

¹² Criada em 1971 pelo dominicano peruano Gustavo Gutierrez, a Teologia da Libertação se situa em três níveis: econômico (combater as causas da injustiça), humano (mudar o ser humano e não apenas as estruturas) e teológico (amar a Deus e ao próximo). A opção preferencial pelos pobres é a marca da Teologia da Libertação e foi adotada na Conferência Episcopal Latino-americana realizada em Puebla, no México (1979). Sobre o tema, ler o próprio Gustavo Gutiérrez, “Teologia da Libertação” (Petrópolis: Vozes, 1975), e “Igreja, Carisma e Poder”, de Leonardo Boff (Petrópolis: Vozes, 1981). Outros autores também são referências importantes para o debate sobre a Teologia da Libertação no Brasil e no mundo, entre eles destacamos Jon Sobrino, Pablo Richard, François Houtard, Giulio Girardi, Enrique Dussel, Frei Betto e Clodovis Boff.

religiosos, religiosas e lideranças leigas. A TL foi vista como uma nova forma de compreensão da realidade social e de engajamento para a transformação da sociedade.

O grande motor dessa solidariedade católica estava nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que se espalharam pelo Brasil nas décadas de 1970 e 1980 sob o impulso das conferências episcopais latino-americanas de Medellín (1968) e Puebla (1979). Essas comunidades foram “fermento na massa”, na expressão do teólogo Leonardo Boff.¹³

Foi nesse contexto que o tema da solidariedade entrou na pauta do Partido dos Trabalhadores (PT), que apenas começava e buscava apresentar uma nova forma de fazer política, enxergando na Revolução Sandinista uma referência vitoriosa.

O primeiro contato do embrionário PT com a FSLN aconteceu em fevereiro de 1979, portanto cinco meses antes da vitória sandinista e um ano antes do lançamento oficial do partido (10/02/1980). Numa reunião de grupos defensores dos direitos humanos em Santo Domingo, capital da República Dominicana, o advogado Luiz Eduardo Greenhalgh, membro da Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo e que havia se somado às articulações para a fundação do Partido dos Trabalhadores, vindo a ser seu secretário de Relações Internacionais em 1983, conheceu dirigentes sandinistas, cuja missão naquele momento era arrecadar recursos financeiros para missões aéreas de abastecimento das colunas guerrilheiras na fronteira com a Costa Rica. Este pode ser considerado o primeiro contato entre as duas forças políticas que mostraram coincidências mútuas de projetos.

“Nunca antes havia ouvido falar da Frente Sandinista e quando vi os padres Ernesto Cardenal e Miguel D’Escoto junto com revolucionários marxistas como Daniel Ortega e Tomás Borge lutando lado a lado, falando as mesmas coisas, me dei conta que vivíamos um processo semelhante no Brasil”, diz Luiz Eduardo Greenhalgh.¹⁴

Após 15 anos de ditadura militar no país, em 15 de março de 1979 assumia a Presidência da República o general João Batista Figueiredo, que deu prosseguimento ao projeto de

¹³ As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) desenvolveram uma forma inovadora de organizar a pastoral saindo do âmbito exclusivo das paróquias e das atitudes individuais para assumir as lutas da população. Eram 40 mil em meados dos anos 70. O teólogo Leonardo Boff foi um dos principais teóricos da Teologia da Libertação no Brasil.

¹⁴ Depoimento ao autor em 02/09/2016.

abertura lenta, gradual e segura desenhada desde 1975 pelo governo de seu antecessor, o general Ernesto Geisel. A Lei da Anistia e o fim do bipartidarismo foram aprovados, o que permitiu a volta dos exilados e a criação do PT.

Quase dois anos depois do encontro na República Dominicana, o PT estava formalmente criado, a revolução sandinista tinha poucos meses e o então coordenador da Junta de Governo de Reconstrução Nacional da Nicarágua, Daniel Ortega Saavedra, fez sua primeira visita ao Brasil, em fevereiro de 1980.

Para um chefe de Estado, a visita teve uma curiosidade diplomática porque ele não foi recebido em Brasília. Apenas uma equipe da Polícia Federal foi destacada para acompanhar a comitiva sandinista, sendo que, na prática, a segurança foi feita por militantes. Embora a Nicarágua estivesse em busca de ajuda econômica para se recuperar das graves consequências da guerra, sua agenda esteve muito mais voltada para os atos de solidariedade política em São Paulo e no Rio de Janeiro. Ortega chegou, inclusive, a participar, juntamente com seu ministro das Relações Exteriores, padre Miguel D'Escoto, de um seminário sobre a Teologia da Libertação, na capital paulista, onde relatou a experiência da presença dos cristãos no processo revolucionário.¹⁵

A passagem de Ortega pelo Brasil causou grande euforia nos auditórios por onde passou (figura 2). Fez palestras para diferentes públicos: cristãos, sindicalistas, estudantes, lideranças populares. Gritos de “Patria Libre o Morir”, palavra de ordem dos sandinistas, eram, especialmente para os militantes petistas, sinônimo de esperança no momento em que o Brasil iniciava aquele que foi o ocaso do regime militar e, ao mesmo tempo, via nascer um novo partido de esquerda.

¹⁵ O autor participou diretamente da organização dessas atividades em São Paulo.

Figura 2: Daniel Ortega participa de ato de solidariedade à Nicarágua no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em fevereiro de 1980. À direita, Frei Betto e, na sequência, padre Miguel D'Escoto, ministro das Relações Exteriores. Autor desconhecido. Fonte: arquivo pessoal de Luiz Eduardo Greenhalgh.

Figura 3: Ato em comemoração ao primeiro aniversário da Revolução Sandinista, no dia 19 de julho de 1980, em Manágua. Na parte superior da foto, uma bandeira do PT. Autor desconhecido. Fonte: arquivo pessoal de Luiz Eduardo Greenhalgh.

Provavelmente, a visita de Ortega se traduziu numa aproximação de projetos e na decisão do presidente nacional do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, de participar em Manágua do primeiro aniversário da Revolução Sandinista, em 19 de julho de 1980 (figura 3). Ao seu lado, no palanque da Plaza de la Revolución, estavam importantes líderes mundiais como Fidel Castro e Yasser Arafat, que expressavam através de seus povos fortes práticas de solidariedade e convergências na política externa, principalmente na atuação em organismos internacionais como a Tricontinental.¹⁶

Diante dessas lideranças, dezenas de milhares de nicaraguenses comemoravam a vitória sandinista. Lula lembrou desse episódio em seu discurso de abertura do 13º Encontro Nacional do PT, realizado na capital paulista, em 28 de abril de 2006:

“Quero citar um nome para cumprimentar a todos os companheiros, porque esse nome me lembra 19 de julho de 1980, quando eu participei do primeiro aniversário da Revolução Sandinista. Foi lá que, pela primeira vez, eu pude conhecer Tomás Borge Martínez¹⁷; pude conhecer Daniel Ortega; pude conhecer Fidel Castro; pude conhecer (Yasser) Arafat, e outras figuras importantes da nossa América e do mundo político. Mas uma coisa que me impressionou foi a leitura que Tomás Borge, membro da Frente Sandinista, fez de uma carta-compromisso do governo sandinista com o povo da Nicarágua.¹⁸ Certamente, aquela carta retratava o sonho de jovens que, durante anos, lutaram para derrubar a ditadura somozista. E, certamente, depois da passagem pelo governo, o Tomás Borge deve, de vez em quando, reler aquela carta-compromisso. E ele sabe que não foi possível cumprir

¹⁶ A Primeira Conferência Tricontinental aconteceu em Havana entre 3 e 15 de janeiro de 1966 sob o estímulo da revolução cubana e com o objetivo de promover a solidariedade entre os povos da África, Ásia e América Latina. Reuniu 512 delegados e 270 observadores de 82 países, entre eles os principais líderes das lutas de libertação nacional da época como Yasser Arafat, Salvador Allende e Samora Machel. A organização segue ativa e tem sede na capital cubana.

¹⁷ Tomás Borge Martínez nasceu em 13 de agosto de 1930 em Manágua, onde faleceu em 30 de abril de 2012. Foi fundador da FSLN, ministro do Interior (1979/1990) e embaixador da Nicarágua no Peru até a sua morte. Escritor e intelectual, publicou vários livros e ganhou o Prêmio Casa de las Américas (1989) com *“La paciente impaciencia”*.

¹⁸ A carta-compromisso da FSLN **está** disponível em <http://americo.usal.es/oir/opal/Documentos/Nicaragua/FSLN/PROGRAMA%20HISTORICO%20DEL%20FSLN.pdf>.

Acesso em 8 Oct 2015.

tudo o que estava contido nos sonhos da carta-compromisso com o povo da Nicarágua. Mas, de qualquer forma, o tempo passou e a Frente Sandinista - que nunca deixou de existir, mesmo nos momentos mais difíceis -, hoje, está a um passo, ou, pelo menos, a pouco tempo, com muitas possibilidades de 'volver' ao governo com nosso companheiro Daniel Ortega ganhando as eleições. Eu estou começando com a Frente Sandinista para voltar ao nosso querido Brasil, ao nosso querido PT, e à nossa querida esquerda da América Latina". (Partido dos Trabalhadores, 2006)¹⁹

No contexto de uma revolução vitoriosa na América Central, a solidariedade se tornou uma ferramenta importante de organização política porque combinava uma ação, cuja bandeira era externa, com a luta nacional pela redemocratização e os primeiros passos do novo partido de esquerda. Para alguns militantes, era a prova de que o "inimigo imperialista" poderia ser vencido por um novo tipo de revolução (Betto, 1980, p. 45).

Enquanto isso, nos Estados Unidos da América, começava uma era de governos republicanos, iniciada em 20 de janeiro de 1981, com Ronald Reagan (1911-2004), um ex-astro de cinema de Hollywood de forte tendência anticomunista. Um dia após a sua posse, tomou a primeira de uma série de medidas contra a Nicarágua para impedir aquilo que considerava o perigo de um "efeito dominó" revolucionário na América Central. A primeira medida foi suspender o envio da última parcela de 15 milhões de dólares de ajuda financeira, de um total de 75 milhões de dólares, aprovada pela administração de Jimmy Carter, em setembro de 1980.

Em 8 de março, Reagan vetou um empréstimo de 9,6 milhões de dólares para a exportação de trigo para a Nicarágua, prejudicando a produção de pão no país. Ao mesmo tempo, aprovou uma ajuda secreta de 19 milhões de dólares para apoiar a oposição armada que começava a se organizar em Honduras (Ramírez, 2011). Apesar da Junta de Governo de Reconstrução Nacional da Nicarágua reunir representantes da burguesia e proclamar o pluralismo político, o presidente norte-americano apostou no endurecimento da sua política externa em relação à Nicarágua, nos campos econômico

¹⁹ Partido dos Trabalhadores, 13º Encontro Nacional, São Paulo, 2006. Disponível em: http://csbh.fpabramo.org.br/uploads/2006_XIII_Encontro%20Nacional.pdf. Acesso em 12 Mar 2015.

e militar, como forma de evitar uma “nova Cuba” na região. A ofensiva do governo dos Estados Unidos chegou ao seu ponto máximo em 1985 com a decretação de um embargo comercial total das exportações e importações envolvendo a Nicarágua e a proibição da entrada de aviões e navios nicaraguenses em território americano (Zimmermann, 2006, pp. 110 e 136).

A conjuntura da virada dos anos 1970 para os anos 1980 sacudiria a América Latina que, no decorrer da nova década, viveu grandes jornadas de mobilização popular que levaram ao enfraquecimento e fim dos regimes militares autoritários. A Nicarágua, na visão de muitos setores da esquerda, representava um sopro de esperança encravado no istmo centro-americano. Foi nesse espaço de intensa agitação política no enfrentamento à ditadura militar e de reorganização do sindicalismo e dos movimentos populares que nasceu o Partido dos Trabalhadores.

CAPÍTULO II

O caminho da Revolução Nicaraguense

A trajetória de luta do povo nicaraguense remonta aos idos da invasão espanhola. Os vários grupos indígenas que habitavam a Nicarágua antes da chegada das tropas lideradas por Gil Gonzáles de Ávila, em 1552, resistiram a essa ocupação. O maior interesse colonial, primeiro espanhol, depois inglês e, posteriormente, norte-americano, pelo pequeno país centro-americano estava fundamentado no fato de a Nicarágua ser banhada pelos oceanos Atlântico e Pacífico, possuir um grande lago no centro de seu território e ter uma extensa planície.

A costa atlântica do país, na época da colonização, era povoada pelos indígenas *misquitos*, de cultura rudimentar e hábitos nômades, e vivia desde o século XIX sob domínio inglês. Já na costa pacífica viviam os *nicaraos* que, influenciados pelos *aztecas* do México, desenvolveram muito mais a sua cultura. Vivendo a beira do lago de Manágua, esta nação indígena formou a primeira coluna de resistência contra o invasor. Depois, os *nicaraos* se renderam a Francisco Hernandez de Córdoba, representante do governo espanhol do Panamá (Ribeiro et al, 1882, p.3).

O declínio do poderio colonial espanhol se iniciou em princípios do século XIX. Em contrapartida, acontece a expansão do capitalismo mundial, tendo à frente duas grandes nações: Inglaterra e Estados Unidos da América. A necessidade de ampliar o comércio internacional move estes países a procurar novas rotas para o transporte marítimo. A partir de então, a Nicarágua passa a ser cobiçada por oferecer condições favoráveis para a construção de um canal interoceânico.²⁰

As cidades de Granada e León, que haviam sido fundadas por Francisco Hernandez de Córdoba, eram os centros políticos da oligarquia nicaraguense. Esta baseava seu poder econômico na exploração da mão-de-obra da população mestiça nas fazendas de anil, cacau e, posteriormente, café.

²⁰ A ideia de construção de um canal interoceânico foi sempre a “jóia da coroa” nicaraguense e motivou alguns conflitos ao longo da sua história. Em 13 de junho 2013, o Congresso Nacional aprovou proposta do presidente Daniel Ortega de conceder à empresa chinesa HKND Group o direito de construir e administrar o canal por até 100 anos, sob protesto da oposição e de ambientalistas. A obra deve durar dez anos e está estimada em 50 bilhões de dólares.

Influenciados pelo movimento independentista mexicano e pela libertação política da Guatemala, os leonenses declararam sua libertação em 1811. Um ano depois, a cidade de Granada se levanta num processo insurrecional que agilizará a independência nicaraguense.

Em 1823, o quadro político se define com a proclamação da república da Nicarágua. As principais medidas tomadas foram a realização da Primeira Assembleia Constituinte e a abolição da escravatura. Em 1826, os cinco países da região (Guatemala, El Salvador, Honduras, Costa Rica e Nicarágua) formam a Federação das Repúblicas Centro-Americanas, que se dissolveria 12 anos depois.

Enquanto na costa pacífica se delineia a situação política, a população da costa atlântica fica totalmente esquecida. As dificuldades de acesso a essa região e a falta de interesse para com os povos indígenas por parte dos setores dominantes nicaraguenses foram os primeiros indícios do isolamento político, econômico e cultural dos costenhos.

Esse descuido foi notado pelos ingleses que, através da chamada “administração indireta”, apoiaram e armaram os misquitos, criando o Reino da Mosquitia. Tutelados pela Inglaterra, os misquitos dominaram e escravizaram outras nações indígenas, como os sumos e os ramas. Durante aproximadamente três séculos, a economia nicaraguense foi dirigida pelos espanhóis na costa pacífica e, a partir do século XIX, pelos ingleses na costa atlântica, sob consentimento dos misquitos (Id., *ibid.*, p.5).

O desenvolvimento acelerado do imperialismo norte-americano leva o então presidente James Monroe a proclamar, em 1823, a doutrina “American for the Americans”. Essa ideologia expansionista é ratificada através da ocupação dos territórios mexicanos e da guerra contra a Espanha pela posse de Cuba e Porto Rico.

As dificuldades naturais das terras ocupadas despertaram o interesse em muitos aventureiros. Surgem homens como o comodoro Cornelius Vanderbilt que, em 1849, consegue uma concessão do governo nicaraguense para incentivar o transporte marítimo de carga e passageiros. Vanderbilt funda a “The Accessory Transit Company”, facilitando o acesso à Califórnia desde Nova York, passando pelo rio San Juan del Norte e pelo Grande Lago, na costa pacífica nicaraguense.

Esses empreendimentos possibilitam o acúmulo de grandes fortunas. Contudo, a ambição pelo controle da rota marítima provoca um confronto entre os próprios sócios norte-americanos e incentiva a disputa tradicional entre conservadores e liberais nicaraguenses. Com a intenção de derrubar o governo conservador granadino, os liberais leonenses contratam o mercenário Willian Walker, que já havia participado de alguns intentos expansionistas dos Estados Unidos.

Ele e seu grupo desembarcam na Nicarágua em 1855, sendo recebidos com honras pelo governo de León. Para espanto dos liberais, Walker desencadeia uma perseguição sem tréguas aos líderes de ambos os grupos. Com um número maior de colaboradores e com o apoio militar recebido de seu país, consegue se estabelecer em território nicaraguense. Em 1856, se autoproclama presidente da Nicarágua, decreta o inglês como idioma oficial e restabelece a escravidão.

Reconhecido diplomaticamente pelo governo norte-americano, o “presidente Walker” anula a concessão da rota marítima e amplia suas ambições expansionistas. Nos estandartes dos seus batalhões mercenários se podia ler “five or none”, o que significava a pretensão de dominar os cinco países centro-americanos ou nenhum.

Sentindo a crescente ameaça, os exércitos dos quatro países restantes se unem e, seis meses após a autoproclamação de Walker como presidente, conseguem derrotá-lo em 1857, expulsando-o da Nicarágua. Willian Walker tentaria novas incursões em regiões centro-americanas, mas, em 1860, é capturado e fuzilado em Honduras.

Intervenções e mais intervenções

As constantes disputas pelo poder entre conservadores e liberais facilitou muitas vezes a intervenção norte-americana nas questões internas do país. À medida que se intensifica o desenvolvimento capitalista dos Estados Unidos, surgem grandes companhias interessadas em cultivar, comercializar e exportar a banana. Este novo produto de exportação daria, em pouco tempo, um novo qualificativo às repúblicas da América Central. Duas grandes companhias norte-americanas, a “United Fruit Company” e a “Baccaro Brothers and Co.”, se tornaram praticamente proprietárias dos países da região. A política intervencionista, através do crescente poder econômico de Washington, transforma as nações centro-americanas na “Banana’s Republic” (Ramirez, 1981, p.17).

A marinha norte-americana desembarcou seus soldados e armamentos em solo nicaraguense em 1909, época em que a Nicarágua era governada pela ditadura militar-liberal do general José Santos Zelaya (Manágua, 1853 – Nova York, 1919). Governando durante 16 anos (1895 a 1909), o presidente Zelaya, que havia se formado na Europa e trazia ideias liberais, conseguiu realizar algumas medidas de progresso e consolidação nacional, como a reincorporação da costa atlântica, ocupada pelos ingleses, a separação entre Igreja e Estado e a instituição da educação pública. Foi também o mentor da nova Constituição, apelidada de “La Libérrima”, porque continha pontos que rompiam com a prática política tradicional. Ele mesmo definiu a importância da nova Constituição para o futuro da Nicarágua:

“La revolución de Julio ha escrito por medio de vosotros esa última página, y no tengo para qué deciros como jefe de la misma revolución y como gobernante del Estado, que me siento envanecido porque esa página la considero el complemento de la obra inmortal iniciada por nuestros padres en 1821, nuestra despedida de la colonia y nuestra carta de introducción a la verdadera vida republicana” (Pérez-Baltodano, 2003, p.327).

Para os liberais, a Constituição representou o início da construção de um verdadeiro Estado Nacional. Arellano (1997a,p.69 *apud* Pérez-Baltodano,p.327) afirma:

“El artículo 20 de la “Libérrima” estableció la ciudadanía para todos los nicaragüenses mayores de diez y ocho años y los mayores de diez y seis, que fueran casados o supieran leer y escribir. El artículo 21 eliminó las restricciones de propiedad impuestas por los conservadores para optar a cargos públicos y estableció el sufragio como un derecho ciudadano. También estableció la abolición de la pena de muerte, el reconocimiento del Habeas Corpus, el derecho al recurso de exhibición, el derecho de defensa, la eliminación de la prisión por deudas (incluyendo las de agricultura), el derecho de los prisioneros a la comunicación y una serie de regulaciones que gobernaban los detenciones y encarcelamientos. Además, garantizó la independencia de los poderes legislativo, ejecutivo, y judicial. También introdujo cambios radicales en la relación IglesiaEstado, como: la anulación del Concordato de 1861; el establecimiento de la enseñanza laica; la

terminación de las manos muertas, la secularización de los cementerios, el establecimiento del matrimonio civil, y la regulación de las capellanías”.

Ironicamente, a Constituição proposta por Zelaya foi aprovada em 4 de julho de 1894, data da independência dos Estados Unidos. José Santos Zelaya pretendia acelerar a construção do canal interoceânico, pois acreditava que o desenvolvimento nacional só seria alcançado com a expansão do capitalismo mundial. Propugnava, para tanto, uma aliança com os países europeus.

Enfrentando problemas com os conservadores apoiados pelo Departamento de Estado norte-americano, o governo do general Zelaya é ameaçado por revoltas financiadas pela empresa de mineração “The Rosario and Light Mines Co.”, acusada por ele de não pagar os devidos impostos ao país. Nesse tempo de revoltas morrem dois funcionários norte-americanos da empresa, o que serve de pretexto para que os Estados Unidos pressionem Zelaya e exijam sua renúncia (Ramírez, op. cit.,1981,p.17).

Em 1912, em nova intervenção, os “marines” enfrentam a resistência do general Benjamín Zeledón, que foi assassinado e teve seu corpo exposto, no lombo de um cavalo, pela cidade de Catarina. Este espetáculo intervencionista não foi assistido pacificamente por todos os nicaraguenses. (Id., ibid., p.23).

Augusto César Sandino nasceu no povoado de Niquinohomo, na cidade de Masaya, no dia 18 de maio de 1895. Filho ilegítimo, seu pai, Gregório Sandino, era comerciante de café e sua mãe, Margarita Calderón, empregada doméstica. Teve uma infância humilde. Aos 15 anos foi morar com o pai e, aos 17, presenciou o desfile fúnebre do corpo de Benjamín Zeledón:

“Era eu um garoto de 17 anos e presenciei o massacre de nicaraguenses em Masaya e em outros lugares da República por forças filibusteiras norte-americanas. Pessoalmente, vi o cadáver de Benjamin Zeledón, que foi sepultado em Catarina, povo vizinho ao meu. A morte de Zeledón me deu a chave da nossa situação nacional frente o filibusteirismo norte-americano” (Id., ibid., p.18).

Em 1920, após se envolver em uma tentativa de assassinato de um jovem conservador local, teve que fugir do país, iniciando uma peregrinação que o levou a Honduras,

Guatemala, El Salvador e México. Durante esse período, trabalhou como zelador, mecânico e operário.

Em todos os lugares, Sandino teve contato com as dificuldades dos trabalhadores das fazendas controladas pelas oligarquias locais ou pelas companhias mineradoras, petroleiras e bananeiras norte-americanas. Mas, em 1926, quando os “marines” invadem novamente seu país, o jovem nicaraguense, vivendo na cidade de Tampico, no México, manifesta aos amigos seu desejo de voltar à Nicarágua e lutar contra a intervenção. Segundo Ramírez (Id.,ibid.,p.16), um mexicano teria lhe dito uma frase que o marcaria profundamente: “Todos os nicaraguenses são uns *vendepatrias* (traidores)”. Munido do pouco dinheiro que conseguiu economizar, regressa à Nicarágua no dia 1º de julho de 1926.

Como trabalhador da mina de San Albino, de propriedade norte-americana, Sandino inicia um trabalho de conscientização de cunho nacionalista entre os colegas. Organiza entre os trabalhadores um pequeno grupo armado. Nessa mesma época, o general liberal José Maria Moncada forma o Exército Constitucionalista para lutar contra os conservadores e o presidente Adolfo Díaz, sustentado no poder pelas tropas norte-americanas.

Apresenta-se com seus homens a Moncada, que estava em Puerto Cabezas, na Costa Atlântica, e se oferece para lutar ao seu lado. Num primeiro momento, o general liberal descarta a ajuda de Sandino, não libera armas para ele e o considera um aventureiro. O grupo de Sandino era formado por camponeses, artesãos, jovens e muitos meninos, conhecidos como o “coro dos anjos”. Com as poucas armas disponíveis, Sandino decide chamar a atenção de Moncada fazendo um ataque contra uma guarnição do governo. O ataque é mal sucedido, mas a coragem de Sandino e seus homens se sobressaem. Moncada volta atrás e o nomeia como chefe de um batalhão para atuar nas montanhas do departamento de Nueva Segóvia.

Porém, o aparato militar dos norte-americanos intimidou o general Moncada que passou a negociar uma transição com o governo conservador de Adolfo Díaz. Através da mediação de representantes diplomáticos norte-americanos, o Exército Constitucionalista se rendeu e foram repartidos entre os soldados as mulas, os cavalos e dez dólares por dia de luta. Para o general Moncada surgia a possibilidade de exercer o

cargo de presidente da Nicarágua. Todos os generais de Moncada aceitaram a rendição, menos um ((Id.,ibid.,p.23).

O tratado de paz de Espino Negro, assinado entre Moncada e Henry Stinson, representante do governo norte-americano em 20 de maio de 1927, não convenceu Sandino. Seu principal objetivo era ver seu país livre da ocupação estrangeira. Ele não queria transformar a luta anti-intervencionista numa tomada de posição a favor de um determinado partido. A decisão de continuar resistindo deu um caráter libertário e popular ao seu gesto.

Sandino lança um manifesto ao país e aos povos latino-americanos onde fala da necessidade de uma luta comum contra o imperialismo e anuncia a criação do *Ejército Defensor de la Soberania Nacional de Nicaragua* (EDSNN), cujo lema era “Liberdade ou Morte” e tinha em sua bandeira as cores preta e vermelha (figura 4). Nessa nova etapa de luta, dispensou todos os homens casados ou aqueles que eram arrimo familiar. Com apenas trinta combatentes, se internou nas montanhas de Nueva Segóvia para iniciar o que seria a primeira guerra de guerrilhas da América Latina (Id.,ibid.,p.32).

Nesse momento, Sandino mostra uma visão mais ampla do conflito nicaraguense, o que lhe valeria a simpatia de alguns governos latino-americanos. Em uma carta dirigida ao presidente argentino Hipólito Irigoyen, em março de 1929, com o título “Plano para realização do Sonho Bolivariano”, Sandino descreveu um projeto político ainda mais ambicioso. Ele propôs uma conferência de todos os países latino-americanos em Buenos Aires para trabalhar pela unificação política em uma entidade que chamou de *Federação Indo-Latino-americana Continental e Antilhana*. O objetivo era resistir à dominação dos Estados Unidos e garantir que um futuro canal interoceânico construído na Nicarágua permanecesse sob controle das nações do continente.²¹

Isto valeu a aproximação com os comunistas centro-americanos, entre eles Augustín Farabundo Martí (1893-1932), de El Salvador, que decidiu se engajar no exército

²¹ Disponível em: <http://www.frasesypensamientos.com.ar/autor/augusto-cesar-sandino.html> Acesso em: 24 Abr 2015.

sandinista.²² A Liga Panamericana Anti-imperialista, braço de Moscou que tinha forte atuação no continente latino-americano, passou a acompanhar e apoiar as ações de Sandino, enquanto o 6º Congresso Mundial da Comintern²³, realizado na capital russa, em 1928, declarou “total solidariedade com os trabalhadores e camponeses da Nicarágua e o heroico exército de emancipação nacional do General Sandino”.

Enquanto isso, o Partido Comunista Revolucionário dos Estados Unidos promovia manifestações de apoio ao exército rebelde em Nova Iorque e outras cidades do país. A citação de Sandino de que “somente os operários e camponeses irão até o final da luta” alimentou essa aproximação²⁴.

A economia nicaraguense, dependente e centralizada nas mãos dos grupos dominantes, sofre as consequências da crise econômica mundial do final dos anos 20. O desemprego, a fome e a repressão levam centenas de camponeses a cerrar fileiras no exército de Sandino. Por causa das características populares e proletárias dos soldados sandinistas, eles seriam chamados pelo escritor argentino, naturalizado mexicano, Gregório Selser de “o pequeno exército de loucos” (Selser, 1959).

Os soldados defensores da soberania nacional somaram, em certas ocasiões, de dois a seis mil efetivos. Formado por oito colunas, o exército tinha um general no comando de cada coluna e este, por sua vez, era responsável por um território para operações militares, organização civil e paramilitar, coleta de impostos e organização da produção agrícola, desenvolvidas através de cooperativas. Nessas áreas “os mais instruídos alfabetizam camponeses e soldados” (Id.,ibid.,p.38).

²² Depois de lutar ao lado de Sandino, Farabundo Martí voltou a El Salvador onde fundou o Partido Comunista Salvadorenho (1930). Organizou, em 1932, uma frustrada ação revolucionária. Foi preso, executado e o partido se tornou ilegal.

²³ Comintern ou Komintern (do alemão *Kommunistische Internationale*) é o termo com que se designa a Terceira Internacional ou Internacional Comunista (1919-1943), isto é, a organização internacional fundada por Vladimir Lenin e pelo PCUS (bolchevique), em março de 1919, para reunir os partidos comunistas de diferentes países.

²⁴ Não há uma documentação definitiva sobre essa afirmação de Sandino. A fonte mais confiável está em “Teoría y prácticas revolucionarias en Nicaragua”, organizado pela Equipe Interdisciplinar Latino-americana da Universidade Centro-Americana (Manágua: Ediciones Contemporaneas, 1983, p.36).

O pensamento sandinista se baseava no nacionalismo, no patriotismo e numa visão libertadora. Os contatos, no México, com grupos anarco-sindicalistas, socialistas e defensores das ideias de Zapata ampliaram o horizonte ideológico de Sandino. A percepção de que o problema dos nicaraguenses não se limitava ao seu território deu caráter internacionalista e latino-americano à sua luta de libertação. Disso resultava sua certeza de que somente com a união dos latino-americanos seria possível enfrentar o imperialismo norte-americano.

As façanhas do general do “pequeno exército de loucos” seriam pontos de discussão na VI Conferência Pan-americana, realizada em janeiro de 1928, em Havana, Cuba, que contou com a presença do presidente dos Estados Unidos da América, Calvin Coolidge. As ações sandinistas ficaram conhecidas em toda a América Latina e passaram a ser um espinho nos pés do governo conservador nicaraguense e uma ameaça aos objetivos dos Estados Unidos para a região.

De todas as vitórias do Exército Defensor da Soberania Nacional, a maior foi a retirada, no dia 1º de janeiro de 1933, do último contingente da Marinha de Guerra dos EUA em solo nicaraguense. Sandino entrega ao presidente Juan Bautista Sacasa, no mesmo dia da retirada dos soldados norte-americanos, uma carta feita há muito tempo. Nela, o *General de Hombres Libres*, como ficaria conhecido, anuncia sua proposta de paz e de negociação sem intervenção externa.

Em 22 de fevereiro de 1933, o exército sandinista é oficialmente desarmado na cidade de San Rafael del Norte. Em troca da paz, os combatentes sandinistas receberam anistia, garantia de vida e terras no departamento de Jinotega, para o qual puderam se mudar com suas famílias e estabelecer fazendas comunais. Sandino também teve sucesso em convencer o presidente Sacasa a permitir que ele permanecesse com uma pequena força de segurança pessoal.

Começa a dinastia

A retirada das forças militares interventoras do território nicaraguense foi a maior vitória do Exército Defensor da Soberania Nacional da Nicarágua. Contudo, os interesses estrangeiros e a dependência econômica passariam a ser mantidos por intermédio de um novo exército de ocupação: a Guarda Nacional.

Com o objetivo de formar um exército profissional substituto das forças interventoras, que atuaram durante 20 anos no país, os instrutores norte-americanos assessoraram a criação e organização da Guarda Nacional. Conforme as exigências do embaixador norte-americano, Henry Stinson, o presidente Juan Bautista Sacasa deveria designar um nicaraguense como chefe do novo corpo militar. O escolhido foi um sobrinho do presidente. Seu nome: Anastácio Somoza Garcia (1896-1956).

Nascido na cidade de San Marcos, Somoza Garcia representava os interesses dos grupos dominantes intimamente ligados aos Estados Unidos e que se acobertavam sob as ideias liberais. Ambicionando abertamente o poder, o chefe da Guarda Nacional via as atitudes libertárias de Augusto Cesar Sandino como um perigo para seus planos futuros. Portanto, depois de afirmar aos oficiais de sua confiança que suas intenções eram avalizadas pelo embaixador dos Estados Unidos, Anastácio Somoza prepara o assassinato de Sandino. Na noite de 21 de fevereiro de 1934, depois de participarem de um jantar no palácio presidencial, em Manágua, a convite do presidente Sacasa, para comemorar a conquista da paz, Sandino e três companheiros são presos e fuzilados por membros da Guarda Nacional.

O assassinato de Augusto Cesar Sandino foi o primeiro passo de Anastácio Somoza Garcia para o início de um longo período de dominação política e econômica, combinado com um sistema repressivo violento aos movimentos de oposição. Ser chefe da Guarda Nacional e eliminar o homem que atrapalhava seus planos de poder não bastou. Em 1936, Somoza Garcia dá um golpe de estado e derruba Sacasa. Através de eleições fraudulentas, passa a ocupar a presidência (figura 5).

A partir desse momento, a Nicarágua ficaria submetida durante 45 anos a uma dinastia familiar, que abriu ainda mais as portas ao capital estrangeiro, especialmente norte-americano, desde que Somoza e seus familiares e amigos próximos pudessem participar dos negócios. As medidas políticas, econômicas e militares atendiam, em primeiro lugar, seus interesses particulares. No campo, teve início um processo de expulsão à força dos camponeses, especialmente nas áreas mais produtivas, o que fez a família Somoza se tornar, na década de 50, na maior proprietária de terras do país. Até a década de 50, a economia nicaraguense estaria sustentada em duas pernas: uma sob domínio do capital estrangeiro; outra “nacionalizada”, dirigida por Anastácio Somoza Garcia.

Nova burguesia, novo proletariado

A modernização da economia do país na década de 50 foi resultado da expansão da demanda mundial por produtos primários como o algodão e o café, culturas fortes da agricultura local. A indústria de transformação ganha espaço aproveitando o bom momento das relações entre o mercado centro-americano e os Estados Unidos. Com isso, nasce e se fortalece uma nova burguesia, desatrelada dos interesses particulares da família Somoza, economicamente diversificada e politicamente mais alinhada com os princípios democráticos. Não demora para que essa fração da classe dominante entre em choque com o somozismo e se organize em partidos e movimentos para alcançar o poder.

O outro lado da moeda é que esse cenário de expansão econômica permite o surgimento de uma nova classe urbana operária em contrapartida a uma sociedade essencialmente agrária, na qual os camponeses eram, até então, os principais protagonistas das lutas revolucionárias. Organizado em sindicatos, o proletariado urbano começa a ganhar força e une esforços com o movimento estudantil, responsável por dois feitos que mudariam a história da Nicarágua.

No dia 21 de setembro de 1956, uma festa da oligarquia da cidade de León termina em tragédia e marca o que ficou conhecido como “o início do fim da ditadura”. Armado com uma pistola, comprada com seus próprios recursos, o estudante, tipógrafo e poeta Rigoberto López Pérez atira e mata o ditador Anastácio Somoza García, sendo morto em seguida. Esta ação, considerada heroica, foi comemorada principalmente pela juventude universitária que ensaiava os primeiros intentos de luta armada. Assim, em julho de 1961, um grupo de estudantes cria a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) tendo como inspiração os ideais de soberania nacional de Augusto Cesar Sandino e a revolução cubana.

A ditadura não termina com a morte de seu fundador. Luis Somoza Debayle (1922-1967), filho mais velho do ditador, assume a presidência até 1963, quando sofre um problema de saúde e é aconselhado pela família a dar lugar nas eleições, pelo Partido Liberal Independente, ao candidato René Schik, eleito com ampla maioria dos votos.

Luis Somoza Debayle morre em 1967. Nesse mesmo ano a dinastia é retomada com a posse do irmão Anastácio Somoza Debayle, vitorioso em um processo eleitoral

considerado fraudulento pela oposição e que gerou fortes manifestações de violência em Manágua, com a morte de aproximadamente 300 pessoas e centenas de feridos.²⁵

A partir desse momento, a FSLN, apesar de algumas derrotas no campo militar, vê a possibilidade de conquistar espaço nos setores populares, estudantis e intelectuais e se firmar como opção viável à ditadura.

Apesar de derrotada nas eleições de 67, ainda que de maneira fraudulenta, a burguesia nacional opositora a Somoza se recompõe e faz esforços no sentido de liderar o processo de mudança e garantir uma transição pacífica, dentro de uma institucionalidade democrática nos moldes liberais. No horizonte, ela enxerga o perigo da bandeira sandinista que tremula nas montanhas de Matagalpa, onde a guerrilha se instalou.

Esse cenário de acirramento no combate à ditadura, protagonizado pelas oposições armada e liberal, encontram numa tragédia natural o ponto de partida definitivo para a vitória. Na madrugada de 23 de dezembro de 1972, Manágua é praticamente engolida por um terremoto que mata cerca de 20 mil pessoas. A noite de horror é narrada assim pela escritora nicaraguense Gioconda Belli (2003, p.78):

“As memórias que guardo da minha infância e adolescência aconteceram numa cidade que já não existe, uma cidade que se desmanchou numa noite de incêndios e destruição. Foram três minutos no total, quem sabe menos; esse foi o tempo que o terremoto levou para destruir tudo, caminhar sobre a cidade como uma besta desferindo golpes em edifícios, casas, postes, esquinas e ruas de minhas recordações. A terra traiçoeira sacudiu todas as suas falhas como a cabelereira de Medusa e idades geológicas vieram ao solo numa cova subterrânea que sepultou vinte mil vidas.”

Somoza aproveita o caos e se apropria de boa parte da ajuda internacional que chega à Nicarágua. Para isso, criou até mesmo um banco de sangue comercial. Respaldados pelo comandante-em-chefe, elementos da Guarda Nacional promoviam saques e revendiam produtos furtados. Essa atitude chocou os nicaraguenses e deu início a um processo sem

²⁵ O tradicional diário nicaraguense “La Prensa”, na edição de 21 de janeiro de 1967, culpa Anastácio Somoza Debayle pela violenta repressão.

volta de desestabilização institucional do regime que resultaria em crescentes ações armadas da FSLN e em manifestações e greves convocadas pelos empresários anti-somozistas, com participação dos sandinistas.

Dessa forma, se foi criando naturalmente uma rede articulada da oposição que reunia de empresários a guerrilheiros, de sindicalistas a intelectuais, passando por setores da Igreja Católica influenciados pela Teologia da Libertação. A radicalização interessava às oposições armada e liberal que disputavam entre si a liderança do processo para ver quem chegaria primeiro à presidência do país e por qual via.

Existem fortes críticas à precariedade teórica da Frente Sandinista que, desde a sua fundação, exaltava os feitos heroicos de Sandino e sua visão da soberania nacional e os envolvia num discurso marxista ortodoxo. Com o acirramento da luta nos campos civil e militar e a necessidade de se identificar a melhor estratégia para colocar um fim à ditadura, o partido enfrentou uma divisão que resultou em três correntes: *guerra popular prolongada, insurrecional e terceiristas*.

Em resumo, os simpatizantes da guerra popular prolongada, conhecida pela sigla GPP, insistiam na guerrilha rural com apoio dos camponeses para construir anéis de aniquilamento da Guarda Nacional em torno das principais cidades do país. O grupo insurrecional via na sublevação urbana, que contemplaria ações armadas, manifestações de rua e greves, o caminho para a desestruturação do regime e a adesão imediata das massas à luta revolucionária. Já os terceiristas entendiam a necessidade de uma aliança com a burguesia opositora à Somoza como forma de evitar uma intervenção diplomática ou militar dos Estados Unidos.

Divergentes em suas estratégias, duas das três correntes (GPP e insurrecional) concordavam na necessidade de ampliar a luta armada e isolar não somente a ditadura, mas também os setores opositores da burguesia, que serviriam apenas como respaldo tático para um governo puramente sandinista. Já a corrente terceirista insistia na necessidade de um amplo acordo com a burguesia opositora, operado por meio de intelectuais e personalidades respeitadas da sociedade nicaraguense. Essa aliança proporcionaria as bases de um governo de novo tipo pautado no pluralismo político, na soberania nacional e na economia mista.

As três correntes atuavam separadamente no campo militar e político desde 1975. Mas, o recrudescimento da luta e a possibilidade real de vitória, levou à reunificação da FSLN. Em março de 1979, portanto menos de cinco meses antes do triunfo revolucionário, foi anunciada a constituição da direção nacional sandinista com três comandantes de cada agrupamento.

A história indica que a corrente terceirista, liderada pelos irmãos Daniel e Humberto Ortega, foi a que mais se aproximou da realidade ao introduzir uma visão plural do poder que, em uma conjuntura de guerra civil, capturou o imaginário de amplos setores do país. Agora, até que ponto essa estratégia representou uma vitória exclusiva da visão marxista da revolução?

Algumas interpretações teóricas sugerem que a existência de uma burguesia opositora foi fundamental para o triunfo da revolução, diminuindo de certa forma o protagonismo da FSLN. A obra de Andrés Pérez-Baltodano (2003) traz análises que, embora divergentes em alguns casos, indicam que o colapso do somozismo se deu a partir de rupturas nas estruturas sócio-econômicas e político-institucionais domésticas nicaraguenses.

Uma das análises é de José Luis Velásquez (1986, p.57 *apud* Pérez-Baltodano, p.578), para quem “a derrubada do somozismo foi resultado da incapacidade do regime para assimilar o desenvolvimento da sociedade civil nicaraguense. Entre 1959 e 1979, Nicarágua sofreu um ‘processo de modernização acelerado’ que produziu o surgimento de numerosas organizações políticas e sociais não subordinadas ao regime. Na prática, Somoza nunca conseguiu desenvolver uma capacidade corporativa de dominação”.

Outra análise é de Arturo Cruz, que critica as explicações marxistas da derrubada de Somoza, especialmente aquelas que enxergam um esgotamento do capitalismo dependente (1986, p.18 *apud* Pérez-Baltodano, 2003, p.578). Afirma Cruz:

“A crise do somozismo não foi uma crise de acumulação (capitalista) nem tampouco uma crise revolucionária na qual as forças populares como classe orgânica assumiram a vanguarda da luta contra a ditadura. Obedeceu a uma limitada participação política que o regime permitia ao povo nicaraguense, ao envelhecimento de uma superestrutura que ficou atrasada em relação ao desenvolvimento da economia e ao restante da sociedade”.

René Herrera (1980, p.119 *apud* Pérez-Baltodano, p.579) vê “o agravamento das contradições e lutas entre a burguesia e o proletariado e as contradições gerais no seio da classe dominante”. Amalia Chamorro (1983, p.263 *apud* Pérez-Baltodano, 2003, p.580) explica o colapso do regime como “produto de uma perda de consenso que levou o somozismo à ruptura das bases de sua aliança dominante e suas relações com os setores dominados, gerando a crise que desemboca em julho de 1979”.

Para Oscar René Vargas, “a derrota do somozismo foi fundamentalmente o resultado de um fracionamento da classe dominante e, mais especificamente, o produto das tensões e contradições surgidas entre um setor da burguesia nacional e Somoza”. Ele argumenta que “a burguesia não somozista, associada com o capital internacional, entrou em conflito com os métodos de domínio tradicionais do Estado ditatorial e com a utilização do aparato estatal para favorecer seus negócios privados, principalmente após o terremoto de 1972”. Ainda segundo Vargas, “a disputa interburguesa alimentou disputas nos Estados Unidos sobre a política em relação à ditadura e isso foi agudizado pela recessão econômica mundial e seus efeitos na economia nicaraguense”. Ele conclui que “esta foi a base estrutural do conflito interburguês com a qual se abriu a etapa final do somozismo, juntamente com a peculiar debilidade do Estado nacional, da sociedade civil e a frágil integração entre essas duas dimensões da realidade nicaraguense.” (1991, p. 199 *apud* Pérez-Baltodano, 2003, pp.577 e 578)

Essas análises não significam que sem a FSLN a revolução não teria sido vitoriosa. Mas, certamente, não seria uma revolução. Sem dúvida, o papel dos sandinistas foi essencial e eles souberam, naquele momento, estabelecer uma relação de disputa que aliou discurso e prática, colocando o partido como a vanguarda da luta anti-somozista.

Andrés Pérez-Baltodano afirma que “uma transformação revolucionária é sempre uma transformação dirigida. O elemento de direção implica a existência de uma liderança, mas, para além disso, pressupõe a existência de motivações, desejos e aspirações coletivas articuladas dentro de um pensamento e um discurso político que as torna explícitas e coerentes. Um desenlace revolucionário, nessa perspectiva, é essencialmente um processo de transformações ideológico-culturais que se apoiam nas circunstâncias políticas e em processos estruturais favoráveis à mudança social”. (ibid., p.580)

A FSLN tornou viável e legítima a aspiração de uma Nicarágua fundamentada em valores essenciais como soberania nacional, justiça social e democracia popular. Assim, combateu a histórica dependência externa marcada por intervenções militares norte-americanas, iniciou o enfrentamento da pobreza e da desigualdade social e alterou a lógica do poder introduzindo um amplo processo de participação popular. Esses três fatores sintetizavam os principais anseios da sociedade nicaraguense no final da década de 1970 e colocou esse pequeno e pobre país centro-americano no cenário mundial.

Nesse contexto, a adesão das forças de esquerda brasileira à Revolução Sandinista foi um caminho natural dentro de uma conjuntura internacional que apontava para os primeiros passos do neoliberalismo desenvolvido a partir dos Estados Unidos e da Inglaterra.

Figura 4: Uma das poucas fotos de Augusto Cesar Sandino (s/d). Um acervo gratuito está disponível em www.google.com.br/search?q=augusto+cesar+sandino+biografia&sa=N&rlz=1C1NHXL_pt

Figura 5: Anastácio Somoza García com seus filhos Luis Somoza Debayle (à esq.) e Anastácio Somoza Debayle (à dir.).

CAPÍTULO III

A fundação do PT

O cenário brasileiro indicava, no final da década de 1970 e início da década de 1980, o esgotamento do autoritarismo como forma de governo. No plano econômico, a população enfrentava as consequências de uma crise econômica, com o aumento da inflação e a carestia. Segundo estudo do economista Luiz Carlos Bresser Pereira, a inflação em 1979 chegou a 77,21% e, em 1980, passou a barreira dos três dígitos alcançando 110,24%. Esse patamar se manteve nos dois anos seguintes para chegar ao espantoso número de 211% em 1983.²⁶

Em nível internacional, a crise de solvência de vários países encontrou no aprofundamento de medidas liberais a saída para a volta da estabilidade do sistema capitalista. A austeridade fiscal, as pressões pela diminuição das estruturas administrativas do Estado, a abertura de mercados, as privatizações, a flexibilização de leis trabalhistas e um rígido sistema de metas de inflação, facilitaram e protegeram o capital internacional.

Por outro lado, a proposta de taxação das transações financeiras entre os países para evitar a especulação e a falência dos orçamentos dos Estados ganhou notoriedade com a premiação do economista norte-americano James Tobin para o Prêmio Nobel de Economia de 1980. Sua proposta ficou conhecida como Taxa Tobin.

A luta pela anistia e o crescente envolvimento da sociedade civil pela redemocratização marcaram esse momento da história. Os Comitês Brasileiros de Anistia (CBAs), liderados principalmente por familiares de presos políticos e advogados defensores dos direitos humanos, começaram sua articulação em 1977. Em 1º de fevereiro de 1978, o primeiro núcleo foi lançado oficialmente no Rio de Janeiro. Em seguida foram instalados comitês em Goiás, Bahia e vários outros estados. Em São Paulo, o comitê foi criado em maio com forte participação da Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, comandada pelo cardeal dom Paulo Evaristo Arns, e dos advogados Luiz Eduardo Greenhalgh, José Gregori e José Carlos Dias.

²⁶ Dados disponibilizados no site <http://www.bresserpereira.org.br/>

Ao lado da mobilização em torno da anistia e pela redemocratização do país, o surgimento de um novo tipo de sindicalismo no ABC colocou novamente os trabalhadores em cena depois de anos de repressão, cassações e prisões de dirigentes. A primeira grande mobilização se deu em 1977, em torno da luta pela reposição salarial a partir da comprovação de que o governo havia manipulado índices de inflação.

Em maio de 1978, na fábrica da Scânia em São Bernardo do Campo, aconteceu a primeira greve, que teve grande impacto na opinião pública e revelou ao Brasil a liderança de Luiz Inácio Lula da Silva (1945-). Lula havia assumido a presidência do Sindicato dos Metalúrgicos em maio de 1975, iniciando uma gestão inovadora com foco no trabalho de base através das comissões de fábrica.

Uma sequência de paralisações, organizadas por comitês de base, possibilitou a reorganização dos trabalhadores e deram grande impulso para o surgimento de uma nova proposta política desvinculada da esquerda tradicional, ancorada no Partido Comunista Brasileiro (PCB), conhecido como “Partidão”. Esta foi a grande novidade no final da década de 1970 (Maués e Abramo, 2006, p. 360).

Uma análise praticamente consensual no meio acadêmico indica que a criação do PT se deu pela junção de três atores principais: o novo sindicalismo nascido no ABC, a Igreja Católica progressista e ex-militantes da luta armada. A eles se somaram ainda intelectuais liberais radicalizados com origem no antigo Partido Socialista Brasileiro (PSB), políticos do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e grupos trotskistas.

Alguns depoimentos de fundadores e filiados expressam as expectativas em torno da criação do PT:

Antonio Cândido, professor da Universidade de São Paulo e ex-militante do PSB:

“Não sei se os meus amigos mortos teriam entrado no PT e é certo que alguns vivos não entraram. No entanto, entrei pensando em todos eles porque estava certo de que o PT poderia realizar os nossos ideais, como pensavam também velhos companheiros do porte de Mario Pedrosa, Plínio Mello e Febus Gikovate.”
(Ferreira e Fortes, 2008, pp. 35)

Olívio Dutra, líder dos bancários no Rio Grande do Sul:

“O Partido não surgiu de cargos, nem nos Legislativos, nem nos Executivos, mas de um processo de luta do povo brasileiro. Temos de resgatar alguns desses valores, que são fundamentais para superar as crises.” (ibdi, p. 105)

Avelino Ganzer, líder camponês no Pará:

“O pessoal fazia a comparação com a roça: ‘Olha, nós temos ferramentas importantes como a foice, a enxada; mas, na hora que precisar derrubar uma árvore maior, nós temos que ter um machado. O machado é o partido político.’” (ibdi, p. 157)

Luiz Dulci, líder dos professores em Minas Gerais:

“Nós queríamos mais do que restaurar a democracia representativa, ainda que ela fosse – e sempre será – fundamental. Queríamos dar a ela uma nova qualidade, fazendo de cada cidadão, em sua vida cotidiana, um sujeito político ativo.” (ibdi, p. 157)

Essa convergência original resultou em uma presença marcante de petistas nas periferias das grandes e médias cidades do Sul e Sudeste; nas áreas de conflito rural, especialmente no Nordeste, Centro-Oeste e no estado do Acre; e nas universidades. A adoção do socialismo democrático como horizonte político, expresso no programa do PT, e o protagonismo das emergentes lideranças sindicais deram sentido à nova proposta partidária. O historiador Lincoln Secco, diz que o PT foi, desde o início, um partido multiclassista e estava além de uma base de apenas trabalhadores manuais, sendo tão diverso socialmente quanto regionalmente (Secco, 2012, p. 62).

A organização por núcleos, a partir da base, foi a principal novidade introduzida pelo partido e trouxe uma vitalidade militante que sinalizou uma forma diferente de fazer política. O veterano militante Apolônio de Carvalho (1912-2005) assinou a ficha número 6 de filiação ao novo partido e declarou (Ibid., p. 23):

“O PT foi a mais bela forma e o mais belo modelo de democracia interna partidária que já tinha existido nesse meio milênio de existência do nosso país. Dentro desse colorido de influências, de níveis de cultura e de níveis de debate interno, os núcleos populares foram de uma riqueza extraordinária”.

Esse novo jeito de construir um partido de baixo para cima guardava semelhanças com o sindicalismo de base dos metalúrgicos da região do ABC e a experiência das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Igreja Católica. Em julho de 1981, o PT já estava organizado em 21 Estados.

Mas, esse novo jeito de fazer política, não ficou imune ao debate de duas questões principais: já que se apresentava como socialista, qual o modelo que deveria ser adotado? O partido teria uma função tática ou estratégica em direção ao socialismo no Brasil? Isto se traduzia em acirradas discussões teóricas nos encontros oficiais e nos núcleos de base. Para os sindicalistas do ABC, os militantes das CEBs e boa parte dos intelectuais que haviam aderido ao partido, o PT deveria se consolidar como organismo partidário, admitidas as tendências como correntes de opinião, mas subordinadas às decisões da maioria.

Esse não era o entendimento de algumas organizações de esquerda, como a Convergência Socialista, o Partido da Causa Operária (PCO) e o Partido Revolucionário Comunista (PRC), que haviam ingressado no PT por considerá-lo uma federação de grupos organizados com o objetivo de ocupar espaço político, postos de direção e, assim, servir de trampolim para a ação revolucionária de massas.

Esse debate só foi encerrado no V Encontro Nacional, ocorrido em Brasília entre 4 e 6 de dezembro de 1987, quando houve a regulamentação do direito de tendência. O PT vivia um momento de isolamento político por não ter participado do Colégio Eleitoral que elegera Tancredo Neves e havia chegado o momento de afirmar como estratégia para o socialismo a constituição dos trabalhadores em “classe hegemônica e dominante no poder de Estado” (Secco, 2012, p. 122).

Por outro lado, a adoção de uma linha latino-americanista na política externa petista foi se impondo de forma consensual considerando o cenário da época: luta contra as ditaduras do Cone Sul e guerrilhas de libertação nacional na América Central, com destaque para a vitória da Revolução Sandinista e a lealdade ideológica, quase sentimental, à Revolução Cubana.

À exceção dos militantes trotskistas de diferentes grupos ligados à IV Internacional que também levantavam a bandeira do movimento operário polonês Solidariedade²⁷ e de seu líder Lech Walesa no combate à União Soviética, a militância petista se voltava com especial interesse para a solidariedade com os povos centro-americanos. A vitória da Revolução Sandinista, em 19 de julho de 1979, fortaleceu o interesse e a consciência de que era necessário determinar um projeto para a política externa do PT que, desde a sua fundação, vinha se aproximando da realidade latino-americana como centro de sua atuação.

Ao lado da posição pública pelo internacionalismo, a solidariedade foi um elemento importante da primeira fase da política externa petista. Isto influenciou parcelas da opinião pública brasileira e contribuiu para a criação de movimentos solidários à América Central em diversos estados do país (figuras 18 e 20).

Vale destacar que a solidariedade se dava também como reação às ações hostis do governo dos Estados Unidos, que ameaçava com uma invasão à Nicarágua. O apoio norte-americano aos contrarrevolucionários era ostensivo nas fronteiras de Honduras e Costa Rica. As incursões quase diárias deixavam um saldo trágico de militares e civis mortos e desestabilizava a economia do país. O caso Irã-Contras mostrou que o governo Reagan não media esforços para derrotar a revolução, inclusive do ponto de vista militar. O escândalo apontou que o coronel Oliver North, assessor do Departamento de Defesa norte-americano, havia criado um canal de abastecimento de armas para os “contras” com o dinheiro obtido em negócios ilegais com o Irã, país com o qual os Estados Unidos estavam com relações rompidas.

Em pesquisa na seção do Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores, em Brasília, encontramos diversos telegramas trocados entre as embaixadas brasileiras na América Central e o Itamaraty que comprovam a tentativa de inviabilizar o governo sandinista e combater as guerrilhas de El Salvador e Guatemala. Infelizmente, não foi

²⁷ O *Solidariedade* foi um movimento operário criado nos estaleiros da cidade portuária de Gdanski, na Polônia, e sua organização foi determinante para a queda do regime comunista. Seu principal líder foi o metalúrgico Lech Walesa, que se tornaria presidente do país (1990-1995).

possível obter a reprodução desses documentos, embora tenha havido a possibilidade de indicar as pastas onde se encontram.

Dois telegramas – um da embaixada em Washington e outro da embaixada em San Salvador - comprovam a participação de Israel no conflito centro-americano através da venda de armas para o governo salvadorenho.²⁸

Entre 1982 e 1985, o embaixador do Brasil em Tegucigalpa foi o poeta João Cabral de Melo Neto. Em telegrama ao Itamaraty em 9 de novembro de 1982, ele relata o aumento da tensão na fronteira entre Nicarágua e Honduras e informa sobre ações de guerra dos Estados Unidos contra a Nicarágua.²⁹

As correspondências diplomáticas do Itamaraty mostram um clima de tensão permanente na região a partir da vitória dos sandinistas. O embaixador do Brasil na Nicarágua, Luiz Fernando Nazareth, informa sobre a retirada de 297 médicos, paramédicos e enfermeiros cubanos para amenizar as críticas que a oposição fazia à revolução por uma suposta “cubanização” da revolução.

Até mesmo as históricas diferenças fronteiriças entre El Salvador e Honduras foram temporariamente esquecidas para articular uma ação conjunta contra a Nicarágua. Segundo o embaixador brasileiro em El Salvador, Dias Costa, em telegrama enviado a Brasília em 3 de agosto de 1981, “o chanceler salvadorenho Chavez Mena confirmou, em reunião reservada com alguns diplomatas, que tropas salvadorenhas invadiram território hondurenho para desbaratar um acampamento guerrilheiro em Valladolid, próximo à fronteira. Militares de Honduras teriam feito ‘vista grossa’ por concordarem com a operação, mas como o ataque vazou para a imprensa, os dois países combinaram uma nota ‘dura’ de Honduras para satisfazer a opinião pública interna e não comprometer o processo eleitoral que estava em andamento”.

²⁸ Fontes: Telegramas das embaixadas brasileiras em Washington (19/8/1983) e San Salvador (18/8/1983). Pastas 16.4.6 – 900 (B-37) (XX) - Relações Políticas entre País – Nicarágua, Seção de Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores. Acesso em: 23 Mar 2016.

²⁹ Fonte: telegrama nº 197, de 9/11/1982. Pasta 16.2.6 – 900 (B34) / (B38), Seção de Arquivo Histórico do Ministério das Relações Exteriores. Acesso em: 23 Mar 2016.

Em 19 de outubro de 1983, o embaixador brasileiro na Guatemala, Pinto Moura, informou que durante visita ao país “o chanceler salvadorenho Fidel Chavez Mena ressaltou o papel do CONDECA – Conselho de Defesa Centro-americano para ações necessárias contra a Nicarágua Sandinista. Acertou os detalhes para a visita à região do secretário de Estado dos Estados Unidos, George Pratt Schultz (1920), e mostrou desconfiança com o grupo de Contadora”.³⁰

Como organização política mais mobilizada na defesa da Revolução Sandinista, o PT exerceu um papel importante de denúncia da política intervencionista dos Estados Unidos na Nicarágua, organizando vários atos em frente às representações norte-americanas em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília (figura 13).

Em outubro de 1984 o PT enviou uma brigada de médicos e enfermeiros para trabalhar na Nicarágua. O compromisso dos cinco profissionais de saúde durou dois anos e eles atuaram nas áreas mais pobres do país, correndo risco de vida em função dos constantes ataques contrarrevolucionários.

Outras brigadas voluntárias, formadas por militantes de vários partidos, entidades sindicais e movimentos sociais, estiveram naquele país para trabalhar nas colheitas de café e algodão entre os anos de 1984 a 1989. Estima-se que pelo menos 500 jovens brasileiros se deslocaram até a Nicarágua para mostrar sua solidariedade em trabalhos voluntários e funções profissionais mais permanentes. Em Manágua, inclusive, foi criado o Comitê de Brasileiros Residentes na Nicarágua, cuja função era apoiar as ações de solidariedade e divulgar no Brasil o que lá acontecia.

³⁰ O Grupo de Contadora foi criado por México, Panamá, Colômbia e Venezuela como resposta à retomada da política intervencionista norte-americana na América Central, durante o primeiro mandato do presidente Ronald Reagan, consubstanciada na invasão estadunidense de Granada, em 1983. Junto com o Grupo de Apoio à Contadora (Argentina, Brasil, Peru e Uruguai), daria origem ao Grupo do Rio, fórum político exclusivamente latino-americano no continente. Posteriormente, na Cúpula da Unidade da América Latina e do Caribe, mantida em Cancún, nos dias 22 e 23 de fevereiro de 2010, conjuntamente com a XXI Cúpula do Grupo do Rio e a II Cúpula da América Latina e do Caribe sobre Integração e Desenvolvimento - Calc, efetivou-se, com a fusão dos dois grupos, a Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos, a Celac.

A combinação no tempo histórico da vitória sandinista na Nicarágua e a criação do Partido dos Trabalhadores no Brasil resultou na adoção de uma política externa com um olhar particular para a América Latina, cujos efeitos marcariam os primeiros anos do PT, depois de uma breve e inicial política de tendência social-democrata, mais voltada para a Europa.

Nossa hipótese é que esse período de envolvimento dos petistas com a Revolução Sandinista criou as condições de um internacionalismo voltado para as questões da América Latina que deixaria suas marcas e colocaria o PT como uma referência inovadora da esquerda continental. Não à toa, coube ao PT propor e sediar o primeiro encontro do Fórum de São Paulo, em 1990, em plena crise do socialismo real, por um lado, e de consolidação do conservadorismo neoliberal, de outro.³¹ Essa característica de solidariedade com vocação latino-americana pode ter demarcado um campo político nas futuras ações da esquerda no continente e, em especial, as do PT.

Como veremos no próximo capítulo, o PT organizou, estimulou e apoiou várias iniciativas de solidariedade com a América Central e, em especial, com a Nicarágua, buscando envolver a militância em todo o país. Como resultado desse posicionamento oficial e publicamente declarado, o internacionalismo petista com vocação latino-americana se expressou em diferentes situações, desde os atos públicos até o envio de brigadas de profissionais da área da saúde e de voluntários para a colheita do café.

³¹ O Fórum de São Paulo foi criado em 1990 por iniciativa do PT e passou a reunir partidos e organizações de esquerda para pensar estratégias de atuação e conquista de espaço político na sociedade e nos governos. Permanece ativo e realiza reuniões anuais, alternando o país anfitrião.

CAPÍTULO IV

O latino-americanismo petista em atos

Neste capítulo são analisadas parte das ações desenvolvidas pelo Partido dos Trabalhadores em solidariedade à Nicarágua. Embora aquilo que denominamos “vocação internacionalista” com um olhar especial para a América Latina tenha existido desde um primeiro momento entre muitos militantes, oficialmente a direção nacional do partido ingressa e assume esse posicionamento a partir da posse do advogado Luiz Eduardo Greenhalgh como secretário de Relações Internacionais, em 1983. Dessa forma, é possível demonstrar a base empírica da dissertação aqui apresentada.

Como foi visto no capítulo anterior quando analisamos a origem dos fundadores do partido, o internacionalismo petista voltado para o latino-americanismo tem relação direta com a Revolução Cubana e a Teologia da Libertação. Ambas sempre foram expressões de um engajamento concreto nas ações de solidariedade. Por isso, é importante entender de que forma essas duas experiências influenciaram a fase da política externa do PT que é objeto da dissertação.

Em primeiro lugar, o tema da solidariedade com outros povos ou países apareceu desde o início da Revolução Cubana. Cuba é o principal exemplo de um país que recebeu solidariedade de amplos setores políticos e sociais de várias partes do mundo. Durante anos, a revolução liderada por Fidel Castro (1926) foi o centro das atenções da esquerda porque se tornou o primeiro estado socialista da América Latina.

A resposta cubana não se acomodou a discursos e documentos, adotando ações concretas de incentivo à luta dos povos da América Latina e dos continentes africano e asiático, incluindo treinamentos militares e ajuda financeira para grupos revolucionários. A Organização de Solidariedade com os Povos da África, Ásia e América Latina (OSPAAAL), criada durante a Primeira Conferência Tricontinental, em janeiro de 1966, em Havana, é um exemplo desse compromisso que acabou adquirindo contorno mundial pela reação que provocou, principalmente no governo dos Estados Unidos, que convocou seus aliados latino-americanos a condenarem o encontro.

Por iniciativa de Fidel Castro, a primeira conferência se desenvolveu no contexto de ascensão das lutas de libertação nacional contra a colonização e o entusiasmo pela vitória cubana. A conferência reuniu 512 delegados e 280 observadores de 82 países, entre eles líderes como Yasser Arafat, Salvador Allende, Amílcar Cabral e Samora Machel.

Nas palavras de Mehdi Ben Barka, líder socialista marroquino e um dos organizadores da Conferência, a Tricontinental teve como objetivo “associar as duas grandes correntes da revolução mundial: a que nasceu em 1917 com a Revolução Russa e a que representa hoje em dia os movimentos anti-imperialistas e de libertação nacional”.³²

A OSPAAAL teve um desdobramento com a realização, em julho de 1967, da Primeira Conferência da Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS). Estiveram presentes na conferência delegados de 22 países, muitos deles já envolvidos com a guerrilha. O Brasil marcou presença com quatro delegados, mas a participação mais importante foi a de um convidado: Carlos Marighella (1911-1969). Ele havia rompido com o PCB, aderido à luta armada, criado a Aliança Libertadora Nacional (ALN) e agora estava em Cuba para viabilizar o treinamento militar de militantes de sua organização. (Magalhães, 2012, pp. 348-350).

Entre 24 e 26 de setembro de 2016, o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra realizou um seminário internacional para comemorar os 50 anos de criação da Tricontinental. Na apresentação do evento, os organizadores afirmam que “o ‘tricontinentalismo’ foi particularmente relevante na formação de correntes teóricas, incluindo *Third World Approaches to International Law*, pós-colonialismos e marxismos do Terceiro Mundo, bem como nas conceitualizações de subalternidade global, anti-imperialismo e formas de cooperação e solidariedade Sul-Sul”.³³

³² A declaração de Mehdi Ben Barka está em <http://www.tricontinental50.net/tricontinental-conference-portuguese/>

³³ As informações sobre o seminário estão disponíveis em <http://www.tricontinental50.net/tricontinental-conference-portuguese/>

A OSPAAAL, que permanece ativa e tem sede em Havana, nasceu com os seguintes objetivos:³⁴

- a) *Unir, coordinar e impulsar la lucha de los pueblos de los tres continentes contra el colonialismo, el neocolonialismo y el imperialismo;*
- b) *sostener la lucha revolucionaria como un derecho inalienable de todos los pueblos;*
- c) *prestar firme y solidario apoyo a los países liberados, frente a las más diversas formas de agresión e injerencia imperialista, encaminadas a derrotar o mediatizar sus victorias;*
- d) *defender el derecho de cada pueblo, una vez conquistada la independencia, a darse el gobierno, la ley y el régimen político, económico y social que determinase su voluntad soberana, sin interferencias foráneas;*
- e) *estimular la cooperación efectiva y oportuna entre los pueblos para asegurar sus aspiraciones a la paz, el desarrollo y la prosperidad social;*
- f) *promover la defensa del patrimonio y la identidad cultural, el acceso a la información y a la educación; para contraponerlas a la propaganda desinformativa y a la penetración ideológica y cultural colonialista e imperialista.*

Em 17 de abril de 1967, a Tricontinental divulgou uma carta do comandante revolucionário Ernesto “Che” Guevara (1925-1967), que já havia deixado Cuba para organizar guerrilhas, primeiramente no Congo e, depois, na Bolívia. Sua mensagem causou profundo impacto entre os membros da organização quando afirmou ser necessário criar “um, dois, três Vietnãs para derrotar o imperialismo norte-americano”. Ao defender a luta armada para a instauração do socialismo, Guevara gerou uma nova

³⁴ As informações sobre a Tricontinental podem ser obtidas no site oficial da organização:

<http://www.tricontinental.cu/index.php/quienes-somos>

teoria revolucionária, o “foquismo” ou, como ficou conhecido depois de sua morte, o “guevarismo”.³⁵ Em um trecho da carta³⁶, ele diz:

“(…) En definitiva, hay que tener en cuenta que el imperialismo es un sistema mundial, última etapa del capitalismo, y que hay que batirlo en una gran confrontación mundial. La finalidad estratégica de esa lucha debe ser la destrucción del imperialismo. La participación que nos toca a nosotros, los explotados y atrasados del mundo, es la de eliminar las bases de sustentación del imperialismo: nuestros pueblos oprimidos, de donde extraen capitales, materias primas, técnicos y obreros baratos y a donde exportan nuevos capitales - instrumentos de dominación -, armas y toda clase de artículos, sumiéndonos en una dependencia absoluta. El elemento fundamental de esa finalidad estratégica será, entonces, la liberación real de los pueblos; liberación que se producirá; a través de lucha armada, en la mayoría de los casos, y que tendrá, en América, casi indefectiblemente, la propiedad de convertirse en una Revolución Socialista.(…) Al enfocar la destrucción del imperialismo, hay que identificar a su cabeza, la que no es otra que los Estados Unidos de Norteamérica”.

Cuba foi objeto de inspiração política. Não só militantes de esquerda da América Latina se alinhavam com os rumos que se desenhavam na ilha, mas importantes intelectuais se manifestavam a favor do processo revolucionário cubano como fez Jean-Paul Sartre, que vaticinou: “É preciso que os cubanos triunfem, ou perderemos tudo, até mesmo a esperança” (*apud* Castañeda, 1994). Era o tempo do “feitiço da América Latina”, um continente que mudou a perspectiva da história do resto do mundo (Hobsbawn, 2002, p. 87).

O fato de Cuba ter acolhido militantes revolucionários brasileiros que depois ingressariam no PT adicionou uma boa dose de fermento na formulação de uma política externa do partido com foco latino-americanista.

³⁵ O “guevarismo” ou “teoria foquista” propunha o desencadeamento da luta armada em vários países ao mesmo tempo com o objetivo de criar um movimento revolucionário internacional. Seu inspirador, o argentino Ernesto “Che” Guevara, participou da Revolução Cubana e se tornou um de seus comandantes mais conhecidos.

³⁶ A íntegra da carta de “Che” Guevara está disponível em <http://www.filosofia.org/hem/dep/cri/ri12094.htm>

Em segundo lugar, cabe destacar de forma particular o papel da Teologia da Libertação nos processos de mobilização e luta em vários países latino-americanos. Um número expressivo de bispos considerava essas atividades como parte da opção preferencial pelos pobres, tema adotado na 3ª Conferência Geral do Episcopado Latino-americano (CELAM), realizada entre 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979, na cidade mexicana de Puebla. Anteriormente, a conferência de Medellín, em 1968, já havia assimilado essa nova vertente pastoral a partir das encíclicas do Concílio Vaticano II (1962-1965). (Wanderley, 2007, p. 177).

A Igreja Católica nicaraguense sempre foi uma instituição de grande poder e sua cúpula, de majoritária tendência conservadora, havia sido uma tradicional aliada de todos os governos desde a independência e, em especial, da família Somoza. Na definição de Andrés Pérez-Baltodano, “a cultura nicaraguense expressa uma visão providencialista e pragmática-resignada da história, onde Deus é o grande caudatário das esperanças” (2003, p.535).

Por conta disso, a Revolução Sandinista trouxe um novo desafio para os bispos na medida que houve uma participação muito intensa dos católicos na guerra civil, inclusive na condição de guerrilheiros, como foi o caso do padre espanhol Gaspar García Laviana.³⁷

Para entender essa conjuntura, a Conferência Episcopal da Nicarágua divulgou, em 17 de novembro de 1979, a carta pastoral “Compromisso cristão para uma Nicarágua nova”, na qual pede aos sandinistas para definir a orientação do novo projeto social a partir de uma perspectiva democrática e humanista. Um dos trechos da carta fala do socialismo:

“Si, como algunos piensan, el socialismo se desvirtúa usurpando a los hombres y pueblos su carácter de protagonista libre de su historia; si pretende someter al pueblo ciegamente a las manipulaciones y dictados de quienes arbitrariamente detentarían el poder, tal espurio o falso socialismo, no lo podríamos aceptar (...) Si, en cambio, socialismo significa, como debe significar, preeminencia de los

³⁷ Gaspar García Laviana (1941-1978) era sacerdote e poeta. Chegou à Nicarágua em 1969 para trabalhar com as comunidades camponesas de Tola. Em 1977, ingressou na FSLN, onde ficou conhecido como comandante “Martín”. Morreu em combate em 11 de dezembro de 1978 e a primeira obra publicada pelo Ministério da Cultura após o triunfo revolucionário foi seu livro de poemas “Cantos de amor y guerra”.

intereses de la mayoría de los nicaragüenses y un modelo de economía planificada nacionalmente, solidaria y progresivamente participativa, nada tenemos que objetar. Un proyecto social que garantice el destino común de los bienes y recursos del país y permita que, sobre esta base de satisfacción de las necesidades fundamentales de todos, vaya progresando la calidad humana de la vida, nos parece justo.” (Pérez-Baltodano, pp. 603-605)

Apesar de afirmar em seu programa histórico a total liberdade religiosa (item VIII), a FSLN passou a ver na hierarquia da Igreja Católica um entrave para o desenvolvimento da revolução, o que aprofundou as divergências entre cristãos alinhados com a Teologia da Libertação e os bispos conservadores e seus seguidores.³⁸ Os sandinistas levaram quase um ano para responder a carta pastoral dos bispos e, quando o fizeram, reafirmaram as premissas de um estado laico, sem interferência da Igreja, e o papel dos cristãos revolucionários. Para Pérez-Baltodano, a FSLN mostrou uma postura que aumentou ainda mais a distância com a hierarquia católica (ibib.,p.605). Essa contradição acabaria se estendendo a outros países latino-americanos, especialmente pela oposição que o papa João Paulo II fazia à ala progressista da Igreja.

Mesmo assim, a presença dos cristãos na revolução nicaraguense permeava a sociedade e o próprio Estado. Alguns padres ocupavam o cargo de ministros, o que se transformou numa grande polêmica a ponto do papa João Paulo II exigir que os religiosos abandonassem seus postos. Os casos mais famosos foram dos padres Miguel D’Escoto (Relações Exteriores), Fernando Cardenal (Educação) e Ernesto Cardenal (Cultura), que sofreram processos internos na Igreja e correram o risco de perderem suas funções sacerdotais.

No Brasil, um grande número de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), formada por militantes engajados principalmente no PT, dava visibilidade às ações de solidariedade (Novaes, 1991, p. 143). Muitas dioceses disponibilizaram espaços e motivaram seus fiéis a participar da organização e divulgação da solidariedade com a Nicarágua. Um exemplo

³⁸ O programa histórico da FSLN, que serviu como base para as diretrizes do governo revolucionário, está disponível em <http://americo.usal.es/oir/opal/Documentos/Nicaragua/FSLN/PROGRAMA%20HISTORICO%20DEL%20FSLN.pdf>. Acesso em 20 Set 2016.

foi a Arquidiocese de São Paulo, sob comando do cardeal Paulo Evaristo Arns. A Comissão Missionária Arquidiocesana (COMIAR), dirigida pelo bispo-auxiliar dom Luciano Mendes de Almeida, estabeleceu a Nicarágua como país prioritário a ser apoiado. Dois padres, quatro freiras e dois missionários leigos foram trabalhar no país.³⁹ Um número expressivo de bispos considerava essas atividades como parte da opção preferencial pelos pobres.

Além dos católicos, setores das classes médias filiados às Igrejas Protestantes históricas (Metodista, Batista, Luterana e Anglicana) também apoiaram a participação dos cristãos na revolução sandinista e assim contribuíram para as articulações institucionais que aconteciam em nível internacional para ajudar, principalmente, na reconstrução econômica da Nicarágua através do Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Essa atuação de católicos e protestantes colaborou para que um valor cristão intrínseco – a solidariedade – se transformasse em instrumento de mobilização política.

Quando os movimentos insurgentes ocupam, com suas ações militares, um papel protagonista e colocam a América Central no cenário mundial, duas décadas após a vitória da Revolução Cubana, a solidariedade internacionalista reaparece no Brasil. Em várias cidades são criados grupos de solidariedade suprapartidários. Organizados por diferentes partidos de esquerda, movimentos populares e bases das Igrejas, especialmente a Católica, esses grupos tinham em comum a identificação com a nova proposta de governo instaurada na Nicarágua: de inspiração socialista, ampla participação popular, economia mista e pluralismo político.

Ainda na perspectiva da análise de Castañeda (1994), a “segunda onda” de rebeldia guerrilheira na América Latina vinha acompanhada por uma nova perspectiva de exercício do poder, cujo principal desafio era “a passagem da guerra revolucionária para a convivência institucional” (Sader, 2003, p. 98). No limiar de uma nova década, que ao seu final marcaria igualmente o fim dos regimes totalitários do campo socialista, a ideia de um governo democrático e popular atraía a atenção de diferentes setores da sociedade civil e apontava para a Frente Sandinista de Libertação Nacional a possibilidade de uma nova práxis revolucionária (Löwy, 2012, p. 381), ainda que no interior do país essa visão tenha sido questionada posteriormente por alguns intelectuais renomados como o

³⁹ Um dos missionários leigos enviados à Nicarágua é o autor dessa dissertação.

sociólogo guatemalteco Edelberto Torres-Rivas, que publicou uma consistente crítica em “Revoluciones sin cambios revolucionarios”, usada como fonte bibliográfica para essa dissertação (Torres-Rivas, 1998).

Por outro lado, além dos partidos e organizações de esquerda que já existiam, surgia o Partido dos Trabalhadores (PT), que apresentava uma novidade em sua forma de organização e em sua estratégia para alcançar o poder. Em seu programa de fundação, o PT defende a democracia como valor a ser conquistado visando a criação de um novo modelo político pela via socialista e uma economia voltada para as necessidades dos trabalhadores, gerando uma identificação com o projeto que estava sendo construído na Nicarágua.

Foi nesse contexto que a solidariedade foi se tornando o motor principal de formulação da política externa do Partido dos Trabalhadores em sua fase inicial. Na primeira metade da década de 1980, não havia encontro, reunião ou manifestações públicas que, invariavelmente, não terminasse com uma “moção de apoio” aos movimentos insurgentes da América Central. A mobilização ocupou efetivamente a pauta de boa parte da militância petista, contaminando assim um espectro mais amplo da sociedade. Grupos artísticos buscavam inspiração na luta dos movimentos centro-americanos e divulgavam suas histórias por meio da música e do teatro. O hino da Frente Sandinista de Libertação Nacional era cantado na abertura dos atos de solidariedade em todo o país.

A adoção de uma visão latino-americanista foi se impondo e se tornou preponderante a partir de 1983. O depoimento de Luiz Eduardo Greenhalgh, que viria a ser o segundo secretário de Relações Internacionais do PT e permaneceu no cargo até 1989, mostra que existiam três visões de política externa nos primórdios do partido: a social democracia europeia, a latino-americanista e a do socialismo ortodoxo.⁴⁰

Os sociais-democratas eram representados pela liderança do sociólogo e professor da Universidade de São Paulo, Francisco Weffort (1937). Ele mantinha muitos contatos na Europa por conta da época do exílio, quando morou naquele continente, particularmente com lideranças dos partidos socialistas da França, Itália, Espanha e Portugal, além da socialdemocracia alemã. Segundo Greenhalgh, na condição de primeiro secretário de

⁴⁰ Depoimento de Luiz Eduardo Greenhalgh ao autor, 3 Set 2016.

Relações Internacionais do PT, Weffort praticou uma política menos orgânica e mais individual, a ponto de não haver constituído um funcionamento administrativo cotidiano e não ter deixado um registro organizado de documentos oficiais relacionados ao período que exerceu a função. Esta informação não pôde ser comprovada integralmente, embora o acervo oficial do partido, que está sob a guarda da Fundação Perseu Abramo (FPA), apresente muitas lacunas em relação a esse período. Entretanto, isto não deve, evidentemente, ser atribuído exclusivamente a Weffort.

Os petistas de linha latino-americanista eram numerosos e vinham, em grande medida, dos movimentos cristãos de base, dos setores intelectuais, dos remanescentes da luta armada e dos exilados em Cuba. O estopim do movimento revolucionário na América Central e a resistência aos regimes militares autoritários do Cone Sul mobilizavam essas pessoas em torno da ideia de um continente livre e soberano. Nesse grupo estavam, entre outros, o advogado Luiz Eduardo Greenhalgh, a militante comunista Clara Charf (viúva de Carlos Marighella), a socióloga Ana Corbisier, o médico Zélik Trajber e o economista Paulo Schilling, cuja filha Flávia era prisioneira política no Uruguai sob acusação de pertencer ao grupo revolucionário Tupamaros.⁴¹

No grupo dos defensores do socialismo ortodoxo estavam militantes que haviam se exilado nos países do antigo bloco soviético. A dificuldade para que essa visão prevalecesse residia no fato de que os partidos comunistas do Leste Europeu viam o PT com desconfiança. Alguns PCs, incluindo importantes dirigentes cubanos, haviam recebido a versão do Partido Comunista Brasileiro, o PCB, que acusava Lula de ser um agente infiltrado da Central de Inteligência Americana (CIA). Ou pior: que o PT tinha sido criado com o apoio do general Golbery do Couto e Silva para dividir a esquerda ou impedir que o “Partidão” se tornasse a real alternativa da classe operária. Portanto, se aproximar do PT era perigoso.⁴²

⁴¹ O Movimento de Libertação Nacional – Tupamaros atuou no Uruguai nos anos 1960 e 1970. O nome da organização homenageia o inca Túpac Amaru II, líder da última grande rebelião indígena, morto pelos espanhóis em 1781. Com a instauração da ditadura militar em 1973 e a prisão de suas principais lideranças, entre elas José “Pepe” Mujica, o movimento perdeu força e se dispersou. Ressurgiu após a redemocratização, em 1985, como Movimento de Participação Popular (MPP) e passou a integrar a Frente Ampla. Flávia Schilling foi libertada em 1984.

⁴² Lincoln Secco relata essa versão em “História do PT” (p.72). Isto coincide com o depoimento de Luiz Eduardo Greenhalgh ao autor. É atribuída ao general Golbery do Couto e Silva a estratégia de abertura lenta, gradual e segura

O caminho para uma relação com os partidos comunistas do bloco soviético estava fechado no início da década de 1980. Para romper essa barreira de desconfiança, foi preciso que o PT insistisse em abrir um canal de diálogo com a antiga República Democrática Alemã (RDA), que aceitou receber uma delegação oficial do partido em 1985, ou seja, somente cinco anos após a sua fundação. Posteriormente, militantes petistas foram estudar na escola de formação de quadros daquele país e a cortina de ferro se abriu, embora já estivesse evidente a deterioração do socialismo na URSS.

Ao mesmo tempo, a presença de Lula nos dois encontros latino-americanos sobre a dívida externa convocados por Fidel Castro em Havana, em julho de 1985, transformou a visão cubana em relação ao PT e consolidou a aproximação que se desenhava desde 1980. No encontro que reuniu sindicalistas de todo o continente, o líder petista fez, em português, um discurso histórico, de tom anti-imperialista e socialista. O público que lotava o Palácio das Convenções naquele 24 de julho de 1985 aplaudiu Lula em pé por mais de cinco minutos. Depois, ele ficou um par de horas recebendo cumprimentos e se tornou a principal manchete da edição do *Granma* no dia seguinte.⁴³ Nessa mesma noite, Fidel convidou Lula para um jantar reservado. Quinze dias depois, Lula estava novamente em Havana participando do segundo encontro, que dessa vez reuniu intelectuais, estudantes e lideranças das mulheres. Em 1986, o PT seria um dos principais articuladores para o restabelecimento das relações diplomáticas entre Brasil e Cuba, que aconteceu na presidência de José Sarney (figura 6).

Na prática, havia uma disputa ideológica para se estabelecer a política externa petista.

Considerando o contexto de uma forte vinculação política entre o PT e a Revolução Nicaraguense, a Frente Sandinista de Libertação Nacional fez um pedido de ajuda ao partido em 1983. Diante da precária situação de saúde do país, havia a necessidade da presença de profissionais da área para trabalhar em zonas distantes e, inclusive, afetadas pela atuação da contrarrevolução. Um pedido ousado, considerando que eventuais

iniciada no governo de Ernesto Geisel (1974-1978). Sobre esse período, o volume 4 da obra do jornalista Elio Gaspari ("A ditadura encurralada") é bastante ilustrativa.

⁴³ O *Granma* é o órgão oficial do comitê central do Partido Comunista de Cuba. Foi fundado em 3 de outubro de 1965.

voluntários brasileiros colocariam suas vidas em risco, e que foi tratado com a máxima discrição pelos dirigentes petistas.

A solicitação foi submetida à comissão executiva nacional do PT em reunião cuja pauta não foi divulgada publicamente. Havia o receio de que, caso a discussão vazasse, poderia prejudicar seriamente a imagem do partido, que já sofria acusações de radicalismo e ações desestabilizadoras diante da frágil transição que se vivia. Além disso, o governo norte-americano desenvolvia iniciativas de apoio financeiro e militar aos grupos anti-sandinistas e mantinha um acompanhamento de inteligência em relação à solidariedade aos nicaraguenses na América Latina.

Segundo Luiz Eduardo Greenhalgh, o secretário-geral do PT na época, Francisco Weffort, que havia sido anteriormente responsável pelas relações internacionais, concordava com gestos de solidariedade, mas para ele o envio de uma brigada de pessoal médico, nas condições de um conflito armado real que só se agravava, era temerário e poderia resultar em graves consequências à imagem do partido caso algo acontecesse. Ele defendia ações públicas no Brasil e de pressão sobre o governo dos Estados Unidos. Além disso, sua visão era marcadamente próxima da linha dos partidos socialistas e da social democracia da Europa, que davam apoio ao novo regime nicaraguense desde que os sandinistas se comprometessem a manter a democracia, o pluralismo político e a iniciativa privada.

Do outro lado, expressando uma tendência majoritária na executiva nacional, principal órgão de direção do partido, o novo secretário de Relações Internacionais, Luiz Eduardo Greenhalgh, defendeu a proposta argumentando que “a solidariedade internacionalista era uma das dimensões essenciais de um partido revolucionário. Deixar de praticá-la seria covardia”.

Partido dos Trabalhadores

A Comissão Executiva Nacional do Partido dos Trabalhadores, vem à público para saudar o reatamento das Relações Diplomáticas e Comerciais do Brasil com a República de Cuba.

Os 20 anos de interrupção das relações formais entre os nossos governos, não impediram, entretanto o exercício da solidariedade permanente entre os nossos povos.

O povo brasileiro não se esquecerá jamais das dezenas e dezenas de exilados brasileiros que encontraram no povo e governo cubanos a hospitalidade e a solidariedade que o desterro impôs pela ditadura militar forçou.

Agora, com o reatamento, o povo brasileiro vai poder constatar com mais frequência e sem distorções os avanços sociais que só os governos sérios e comprometidos com os interesses populares conseguem alcançar.

VIVA A SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL !

VIVA A AUTODETERMINAÇÃO DOS POVOS !

VIVA O REATAMENTO !

CUBA - BRASIL !

Secretaria das Relações Exteriores
do Partido dos Trabalhadores.
pp. LUIZ EDUARDO GREENHALGH

Figura 6: Moção de apoio da SRI-PT ao reatamento das relações diplomáticas entre Brasil e Cuba.

Aliás, havia sido com base nesse discurso que Luiz Eduardo chegara ao cargo. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva seguiu o voto da maioria. Na opinião de Greenhalgh, sem grande entusiasmo. Lula estava muito voltado às tarefas de construção do partido em nível nacional e as questões internacionais não tinham para ele a relevância que alguns grupos internos atribuíam, embora sua presença no ato em comemoração ao primeiro aniversário da Revolução Sandinista em Manágua e sua visita a Cuba o haviam deixado particularmente emocionado. Deixar que os agrupamentos internos atuassem em questões internacionais, como nos casos da Polônia e da Nicarágua, era uma forma de Lula não ter maiores problemas domésticos.

Já em seu primeiro ano de atuação com foco privilegiado na América Latina, o novo secretário de Relações Internacionais convocou o partido para estruturar uma campanha de solidariedade à Nicarágua com arrecadação de alimentos, material escolar, medicamentos e todo tipo de ajuda que fosse possível (figura 7).

No início de 1984, atendendo uma solicitação reservada da FSLN, o PT fez uma convocação interna através dos seus diretórios para que médicos e enfermeiros se candidatassem a integrar a primeira brigada internacionalista do PT que iria trabalhar na Nicarágua por um período de dois anos. Em abril, doze militantes haviam se inscrito.

Um a um, eles foram chamados para um encontro na sede nacional do partido, em São Paulo, e entrevistados pela comissão de Relações Internacionais, comandada por Greenhalgh e formada, entre outros, por quadros egressos da luta armada no Brasil. Entre eles estavam o economista Paulo Schilling; a socióloga Ana Corbisier e o médico Zelick Trajber, que haviam voltado do exílio em Cuba e foram ligados à Aliança Libertadora Nacional (ALN); a jornalista Luzia Ribeiro, entre outros novos militantes vinculados à Igreja Católica como os jornalistas Marco Antonio Piva e Marcia Cruz, que já haviam morado na Nicarágua pós-revolução.

Depois das entrevistas, o grupo foi reduzido a seis profissionais: os médicos Julio Cesar Marchi (Santa Catarina), Sergio de Resende Carvalho (Minas Gerais) e José Oliveira (Ceará); e os enfermeiros Maria Diva de Faria (São Paulo), Sara Coelho e Eliezer Rabello (ambos do Espírito Santo). Em agosto, eles voltaram à capital paulista para iniciar um período de formação política de dois meses.

Partido dos Trabalhadores

DIRETÓRIO NACIONAL

1983

SECRETARIA GERAL NACIONAL

CIRCULAR Nº 05/83

DA : Secretaria de Relações Internacionais - SRI
PARA : Membros do Diretório Nacional, Diretórios Regionais, Membros das Executivas Regionais, Diretórios Municipais, Membros das Executivas Municipais, Parlamentares e Prefeituras do PT.

ASSUNTO: Estruturação da Campanha de Solidariedade à Nicarágua

Companheiros:

Em cumprimento à decisão da Executiva Nacional de 19/10/83 (conforme xerox anexo) divulgada pela Circular nº 18/83 solicitamos que os Diretórios Regionais designem imediatamente três Companheiros dos quadros do Partido para trabalhar na Campanha de Solidariedade Internacional à Nicarágua, atuando como membros de ligação entre esta SRI e os Diretórios Regionais.

Dado o desenvolvimento da Campanha é urgente que os Diretórios Regionais façam esta indicação bem como comuniquem à SRI os nomes, endereços e contato telefônico destes Companheiros o mais prontamente possível.

Avisamos também que a SRI tem um plantão, na sede Nacional em São Paulo fones: (011) 65-3261 e 263-6511 nas segundas, quartas e sextas, das 18 às 20 horas, pelo qual poderão ser feitos os contatos.

São Paulo, 14 de Dezembro de 1983.

PT Saudações

LUIZ EDUARDO GREENHALGH
Secretaria de Relações Internacionais

Figura 7 – Circular 05/83 da Secretaria de Relações Internacionais do Partido dos Trabalhadores, de 14/12/1983.

Na agenda, estudos sobre o marxismo, a história das revoluções, a realidade nicaraguense e o modelo de desenvolvimento da América Latina. Esse tempo serviu também para estabelecer uma dinâmica entre os voluntários, já que o grupo teria pela frente o desafio de uma longa convivência pessoal.

Hospedados em casas de militantes, a euforia do grupo era grande e contagiante. Aquilo que era para ser um plano discreto, embora não secreto, foi sendo conhecido pelo conjunto do partido para receio da executiva nacional. Os “brigadistas” passaram a frequentar diretórios e núcleos de base para falar de suas expectativas. E foi durante o período de adaptação e formação do grupo em São Paulo que foi desmontado um plano do serviço de inteligência do governo brasileiro.

O candidato José Oliveira era uma pessoa quieta, que demonstrava pouco conhecimento de política e em suas horas de folga tinha sua própria agenda. Sua indicação havia sido feita pelo diretório do Ceará. Greenhalgh, que hospedava o médico, desconfiou do seu modo de agir e, em uma de suas saídas, na presença de dois outros militantes da secretaria, vasculhou a bagagem do rapaz. Encontrou uma foto recente do médico em trajes militares e anotações sobre a movimentação dos dirigentes que haviam conversado com o grupo, entre os quais estava Apolônio de Carvalho. Não eram anotações políticas, mas de descrição de comportamento, dados pessoais, hora e data dos encontros e, em alguns casos, até endereço e telefone particulares.

Quando Oliveira voltou, Greenhalgh, com a foto em uma mão e as anotações na outra, perguntou o que significava aquilo. Pegado de surpresa, o rapaz tentou negar num primeiro momento dizendo que se tratavam de pertences pessoais e a foto, embora recente, foi do tempo que serviu ao exército. Questionado por quê havia omitido esse fato, não soube explicar. Pressionado, confessou que era membro do Exército brasileiro e que fora chamado para integrar a brigada com o objetivo de enviar informações sobre o processo revolucionário nicaraguense para o SNI.

Depois de algumas consultas, Greenhalgh pediu que o suposto médico fizesse as malas e sumisse dali. A avaliação foi a de que a descoberta do infiltrado mandaria um recado claro aos militares brasileiros sobre o caráter pacífico e humanitário da brigada e o jogo ficaria empatado em caso de divulgação. Um ano depois, já em Manágua, o representante político do PT junto a FSLN recebeu um telefonema do Brasil onde a pessoa perguntava

se podia falar com José Oliveira. Uma clara demonstração que o serviço de inteligência brasileiro estava em vias de desorganização na fase de transição democrática.

Esse episódio não impediu que, em setembro de 1984, cinco profissionais da saúde embarcassem para a Nicarágua, onde passariam seus próximos dois anos de vida. Julio Cesar Marchi e Sergio Resende de Carvalho foram destacados para trabalhar em Siúna, uma antiga mina de ouro próxima à fronteira com Honduras, de onde partiam os grupos contrarrevolucionários que atacavam instalações civis e militares.

Alojados na casa que pertenceu ao antigo diretor da empresa norte-americana que explorava a mina, os dois jovens médicos passariam pela experiência mais dramática e vitoriosa de suas vidas. Filhos de classe média, eles tinham ali, naquele lugar onde somente se chegava de avião ou por caminhos intransitáveis e perigosos, poucos instrumentos cirúrgicos e medicamentos básicos. Com isso tinham que operar verdadeiros milagres naquelas circunstâncias de guerra.

Ao mesmo tempo, mantinham sempre por perto uma metralhadora chinesa AK-47 para defesa pessoal. Batalhões de jovens soldados, recrutados pelo voluntário e depois obrigatório Serviço Militar Patriótico (SMP), vinham e iam de Siúna todos os dias (figura 8). Os feridos e mortos eram contados às dezenas e as condições de atendimento, mínimas. Mesmo assim, nunca pensaram em abandonar seus postos de trabalho no pronto-socorro local, onde dividiam suas jornadas com dois médicos cubanos.

Sara e Eliezer foram trabalhar em Matagalpa, numa região que ainda mantinha certa tranquilidade, embora fosse alvo de ataques esporádicos contra escolas e postos de saúde, vitimando principalmente professores e camponeses. Maria Diva de Faria, cujo companheiro Paulo Stuart Wright (1933-1973) fora assassinado pela ditadura brasileira, ficou em Manágua. Nesse meio tempo, a médica pernambucana Lucia Fernandes, que era casada com um dirigente revolucionário salvadorenho, foi integrada oficialmente à brigada.

A cada três meses, havia uma reunião de final de semana na casa do representante político do PT para uma troca de experiências e convívio pessoal. Desses encontros, eram escritos relatórios para o secretário de Relações Internacionais do PT. Nessa época, as comunicações eram precárias e quando alguém deixava de confirmar presença, a

ansiedade tomava conta de todos. Afinal, voluntários internacionalistas também eram alvo da contrarrevolução e muitos haviam sido assassinados. Nessas reuniões, apareciam outros petistas que estavam por conta própria na Nicarágua ou apenas de passagem. Sempre era uma festa.

No final do primeiro ano de trabalho, o grupo ganhou um período de férias e visitou Cuba a convite do Partido Comunista. Foram 12 dias de intensas atividades, entrevistas com dirigentes, visitas a instituições e conhecimento sobre o funcionamento do socialismo na ilha. Em cada lugar que visitavam, os petistas eram recebidos com muita curiosidade e respeito, com direito a discursos para plateias de trabalhadores, estudantes, donas de casa. Todos queriam saber quem era, afinal, o Partido dos Trabalhadores.

O Brasil se reaproximava de Cuba e as relações diplomáticas, interrompidas em 1964, e retomadas em 1986, reforçariam, uma vez mais, a predominância da linha política adotada nas relações internacionais do PT.

A brigada de saúde petista cumpriu sua missão de dois anos na Nicarágua e, em setembro de 1986, seus integrantes ganharam o direito de estudar por um ano na Escola de Formação Política Níco Lopez, mantida pelo Partido Comunista de Cuba. Essa experiência consolidou no grupo uma visão latino-americanista radical sobre a importância da solidariedade e do envolvimento com os processos revolucionários.

Pela escola passavam militantes de diferentes organizações políticas do mundo todo, o que garantiu ao grupo uma experiência particular. Na volta ao Brasil, em outubro de 1987, Luiz Inácio Lula da Silva foi recebê-los pessoalmente no aeroporto de Guarulhos e agradecer pela demonstração de compromisso político que haviam dado ao partido e à Nicarágua.

A brigada de profissionais da saúde do PT incentivou novas brigadas que se organizavam com o objetivo específico de trabalhar na colheita do café na Nicarágua. Formadas por militantes de diversas correntes partidárias, as brigadas foram um símbolo de luta e resistência para centenas de jovens brasileiros que enriqueceram suas vidas com essa experiência de solidariedade. Muitos aproveitavam suas férias de verão para conhecer a Revolução Sandinista (figura 9).

Figura 8: Jovens nicaraguenses fazem treinamento militar com a metralhadora chinesa AK 47. O Serviço Militar Patriótico foi uma das causas de tensionamento no país. Inicialmente voluntário, depois se tornou obrigatório.

Em vez da praia, a colheita na Nicarágua

Jamari França

Ari Gomes

Trocar o verão brasileiro, com direito a praia e carnaval, pela colheita de café numa região íngreme da Nicarágua e ao alcance do fogo dos rebeldes anti-sandinistas apoiados pelos Estados Unidos parece coisa de louco. Não é o que acham 69 jovens (20 mulheres) com idade média de 23 anos que embarcam dia 18 num voo da Aeroperu para Nicarágua via Lima e Havana.

"Praia tem todo ano", dispara Carlos Eduardo Gonçalves Machado (Cadu), estudante de Direito da UFRJ, um praieiro de 27 anos que hoje em dia já frequenta outra praia: é militante do Partido Comunista Brasileiro, que juntará um grupo à 2ª Brigada Brasileira de Colheita de Café para a Nicarágua.

Vão integrantes de diversos partidos, a maioria do Partido dos Trabalhadores (PT), mais representantes de pastores, sindicatos, comitês de solidariedade e até um missionário americano de 68 anos cujo nome o Cadu não lembra. Na articulação estão a Juventude Sandinista 19 de Julho (dia da tomada do poder pela Frente Sandinista em 1979) e a Federação Mundial da Juventude Democrática.

Alguns militantes, como Cadu, são reincidentes na colheita nicaraguense e ele diz que, paradoxalmente, é mais fácil ser solidário com a Nicarágua do que fazer um trabalho parecido aqui, de assistência a populações carentes.

Cadu diz que os planos deles incluem a formação de grupos de trabalho que poderiam funcionar como brigadas sanitárias em áreas urbanas e rurais ou grupos de alfabetização. Aí teriam que contar com a colaboração de autoridades estaduais e municipais.

Os brigadistas precisam de uns mil dólares per capita para pagar passagens e algumas roupas para usar na colheita, incluindo botas altas e uma capa. O dinheiro é arrecadado através de dois livros, um de ouro para contribuições maiores e um de prata para ajudas menores, e é único dinheiro com que contam: o trabalho na Nicarágua é

Jovens do PCB são solidários aos sandinistas

inteiramente gratuito, eles recebem apenas alojamento e três refeições diárias que são feijão, arroz e tortillas (fritura de milho).

As fazendas de café ficam na região Norte da Nicarágua, perto da fronteira de Honduras, onde os confrontos entre tropas do governo e contras são diários. Cadu trabalhou o ano passado ouvindo os tiros ao longe, mas não houve problemas e os 19 brasileiros que lá estiveram colheram, em média, 3 mil dólares de café. O que corresponde a uns quatro lotões de tamanho médio por dia.

Na ida, eles ficam um dia em Havana para conexão e embarcam para Manágua, onde serão recebidos pela Juventude Sandinista e seguem para as fazendas na boia de caminhões de gado, são instalados em dormitórios coletivos, iniciando uma rotina dura.

A alvorada é às quatro da manhã, às sete vão trabalhar no campo, que não é plano, mas íngreme, com encostas de até 60 graus de inclinação. A jornada termina às quatro da tarde com direito a uma hora para almoço e só tem o domingo de folga, mas descansam carregando pedra: o dia é dedicado a mutirões para construir alguma coisa necessária na fazenda, podendo ser uma área de recreação ou uma escola.

A região é chuvosa, faz calor de dia e muito frio à noite e isso durará 30 dias entre janeiro e fevereiro. Na volta, eles contam as experiências e procuram divulgar a revolução sandinista, no que Cadu diz ser uma tentativa de contra-propaganda do que diz o governo americano e, guardadas as proporções, com implicações também para o Brasil, que tem várias diferenças com Washington.

CAIXA
ECONÔMICA
FEDERAL

VENDA DE IMÓVEL
CONCORRÊNCIA Nº 001/87

A CAIXA ECONÔMICA FEDERAL — Filial Rio de Janeiro comunica que venderá no dia 21 de janeiro de 1987, às 15:00 (quinze) horas, pela melhor oferta, no estado em que se encontra, uma área de terra com 86.948,67² constituída de 230 (duzentos e trinta) lotes de terreno, no loteamento denominado "BAIRRO LAGOINHA" na localidade de "PACHECO" no Município de SÃO GONÇALO/RJ.

— PREÇO MÍNIMO — Cz\$ 1.196.730,00 (UM MILHÃO, CENTO E NOVENTA E SEIS MIL, SETECENTOS E TRINTA CRUZADOS)

Edital e informação — Av. Rio Branco, nº 174 — 24º andar — Rio de Janeiro — RJ — COMISSÃO PERMANENTE DE LICITAÇÃO — CPL/RJ

O FORTE DA CAIXA É VOCÊ

MINISTÉRIO DA MARINHA

COORDENADORIA PARA PROJETOS ESPECIAIS

TOMADA DE PREÇOS Nº 0002-C-625/87 PARA O DIA 27-01-87

OBJETO: Fornecimento de equipamentos elétricos de medição.

EDITAL: Poderá ser adquirido na Av. Prof. Lineu Prestes, 2242 (em frente ao Hospital Universitário) Cidade Universitária, São Paulo — SP (FONE. 210-1877 ramais 406/407), a partir do dia 15-01-87.

PASTA: Cz\$ 20,00 (VINTE CRUZADOS)

Informe JB

2º a domingo no 1º Caderno

Figura 9: Reportagem do Jornal do Brasil (12/01/1987). Foto: Ari Gomes. Página não encontrada.

A primeira dessas brigadas partiu em 17 de janeiro de 1986 integrada por 18 militantes de diferentes partidos e organizações (PT, PCB, PDT, Pastoral Operária e coordenações estaduais de apoio à Nicarágua) e com origem nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Pernambuco. Oito deles eram petistas (figuras 14, 15 e 16).

Um relatório bem detalhado da missão foi feito por um dos militantes e entregue à Secretaria de Relações Internacionais do PT.⁴⁴ O documento informa que a brigada brasileira ficou instalada na Unidade de Produção Estatal La Colonia, na província de Jinotega, próximo da fronteira com Honduras, numa zona de forte atuação da contrarrevolução. Os brigadistas brasileiros colheram 839,75 latas de café. Cada lata tem 18 quilos. Isto rendeu US\$ 39.800,00 em divisas para a Nicarágua, algo em torno de 600 mil cruzados, o dinheiro vigente na época no Brasil. Descontados os custos totais da brigada, os brasileiros deram um lucro de US\$ 22 mil aos cofres do país na safra 85/86 (figura 19).

Um deles, o petista Pedro Gomes da Cruz, jovem camponês de Goiás, foi eleito o mais produtivo de todos os 19.200 internacionalistas voluntários que participaram da colheita naquele ano. Ele recebeu o título de “Rey del Rojito” (rei do café) em um ato público em Manágua com a presença do ministro da Reforma Agrária, comandante Jayme Whelock Román.

Outras brigadas foram enviadas à Nicarágua nos anos seguintes, sempre na perspectiva de unidade dos partidos de esquerda brasileiros. A campanha “Nicarágua deve sobreviver”, convocada pela Juventude Sandinista (JS), mobilizou jovens de quase todos os países do continente, incluindo os Estados Unidos, e vários países da Europa (figura 10). O PT convocou sua militância (figura 11).

Alguns desses internacionalistas morreram vítimas de ataques dos “contras” (figura 17). Foi o caso do agrônomo suíço Maurice Demierre, de 29 anos, membro da organização católica “*Freres sans Frontiers*” (Irmãos Sem Fronteiras), que trabalhava com cooperativas agropecuárias na cidade de Somotillo, na região norte-ocidental do departamento de Chinandega. No dia 16 de fevereiro de 1986, a caminhonete que ele

⁴⁴ O documento está disponível no acervo pessoal do advogado Luiz Eduardo Greenhalgh.

dirigia, transportando mulheres e crianças da comunidade, passou sobre uma mina e explodiu. O ataque resultou em cinco mortos.

Jacqueline Demierre, mãe de Maurice, escreveu uma carta aos nicaraguenses:

“Sim, ainda choro por meu filho Maurice. Sim, essa morte foi um grande golpe para meu coração de mãe e já arrebentou todo o meu corpo. Ele se entregou a uma tarefa pelos pobres, pela liberdade, pela paz e o amor, em nome de Jesus Cristo. Eu faria o mesmo. E agora estou oferecendo o seu sacrifício, que termina na sua ressurreição (...) Para que o mundo inteiro desperte e aja e grite a verdade (...) Me sinto muito próxima de vocês que sofrem; de todas as mães da Nicarágua, das famílias das mães que morreram com ele. Estou perto da Virgem Maria ao pé da cruz. A Virgem e seu Filho estão conosco. Eles são a força que fará crescer a semente, o sal da terra. Tenham confiança. Sigam mais do que nunca em sua luta, sempre unidos. Por suas famílias, em nome da paz e do amor, agradeço por terem querido meu filho e por tê-lo feito um de vocês. Vos abraço.”

Dom Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia, participou ativamente da solidariedade à Nicarágua e esteve diversas vezes na Nicarágua participando de celebrações religiosas, encontros teológicos e atos pela paz. Em julho de 1985 visitou o ministro das Relações Exteriores, padre Miguel D’Escoto, que estava em greve de fome em protesto contra a agressão do governo norte-americano ao país (figura 12). Nessa época escreveu uma mensagem em homenagem aos internacionalistas, que foi amplamente divulgada:

"Los internacionalistas. Para alguien podrán ser turistas simplemente. Y no sé cómo se verán desde los Estados Unidos oficiales. Reagan los llama "terroristas". Claro, le aterrorizan a él y con razón. Los internacionalistas de la cultura, de la salud, de la construcción, los internacionalistas de la información... Los internacionalistas de la solidaridad, simplemente. En aquella capilla de la

*comarquita de Santa Clara un Delegado de la Palabra los definió definitivamente:
‘Los internacionalistas internacionalizan el amor’”.*⁴⁵

Luiz Eduardo Greenhalgh lembra que em 1986, Cuba havia aberto vagas para jovens brasileiros dos movimentos sociais e populares estudarem Medicina na ilha. Dois jovens militantes de Jandira, município da região metropolitana de São Paulo, não foram escolhidos e pediram a ele que interviesse junto a Embaixada de Cuba em Brasília. Greenhalgh disse que o faria desde que os jovens se comprometessem, na volta, a dedicar suas atividades médicas no atendimento da população mais pobre. Conseguidas as bolsas, a dupla partiu para Havana.

Em agosto de 2016, Greenhalgh participou de um ato político do PT em Jandira, município da região metropolitana de São Paulo. Um médico pediu a palavra e o agradeceu pelo compromisso que havia assumido 30 anos atrás ao ir estudar em Cuba. Ele era um daqueles jovens que, depois de formado, voltou à sua cidade e desde então, todos os dias, atende numa unidade de saúde na periferia.

A volta da democracia no Brasil e o surgimento de novas prioridades políticas; as mortes e a destruição econômica como argumentos centrais na busca de acordos de paz na América Central; e a força crescente da globalização econômica liderada pelos Estados Unidos e a Inglaterra, arrefeceram as campanhas de solidariedade na sociedade brasileira. As derrotas do PT nas eleições presidenciais de 1989 e da FSLN em 1990, somadas ao fim do bloco socialista liderado pela ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), levaram a um reposicionamento da política externa do PT, embora este tenha sido protagonista principal de uma das iniciativas políticas mais expressivas da esquerda continental: a criação do Fórum de São Paulo, em 1990.

Esse momento da conjuntura no Brasil e na Nicarágua é lembrado assim por Valter Pomar, ex-secretário de Relações Internacionais do PT entre 2007 e 2011:

“Neste período, ocorreu a derrota eleitoral na Nicarágua, mas o significado particular disto para o ‘petista médio’ foi subsumido na derrota geral: praça da

⁴⁵ As cartas de Jacqueline Demierre e de d. Pedro Casaldáliga estão disponíveis em <http://www.envio.org.ni/articulo/491>. Acesso em 10 Out 2016.

Paz Celestial, queda do Muro de Berlim, crise do socialismo no Leste Europeu, fim da URSS...Portanto, o que antes era um ponto diferenciado positivamente, passou a ser visto como mais um caso de uma crise geral. Entre 1995 e 2005 eu passei a ter um papel muito ativo na luta interna do PT. A partir de 1997, tornei-me integrante da comissão executiva nacional do PT. Foi um período onde me parece que a Nicarágua sumiu do mapa do 'petista médio'; para os que mantinham algum nível de informação, o que chegava estava vinculado à luta interna e à cisão na FSLN".⁴⁶

⁴⁶ Depoimento pessoal ao autor em 10/04/2016.

"1987: AQUI NO SE RINDE NADIE"

Compañero:
Coordinador Nacional
Juventud del Partido
de los Trabajadores.

Estimado compañero:

Reciba combativos saludos de la Juventud Sandinista 19 de Julio.

En días pasados los presidentes de Centroamérica suscribieron en Guatemala, históricos acuerdos que de ser cumplidos, contribuirían sensiblemente en el proceso de pacificación de la Región.

Los jóvenes nicaragüenses creemos que la juventud de América Latina y el Caribe, también afectados por la política del Imperialismo Norteamericano, debemos conducir acciones conjuntas que garanticen el cumplimiento efectivo de los acuerdos de Esquipulas II, por que significa la posibilidad de evitar la guerra y los daños irreparables para el desarrollo y la vida de los pueblos de Centroamérica.

El Movimiento Juvenil Internacional solidario con Nicaragua que ha aportado a la búsqueda de la Paz, tiene en este momento una mayor oportunidad para hacer de las Brigadas Internacionales del Café 87 - 88 una amplia movilización juvenil que tenga como objetivo central el establecimiento de la Paz en Centroamérica.

La Juventud Sandinista 19 de Julio aprovecha la ocasión para ratificar nuestra invitación a su organización para que nos acompañen en la tarea de la recolección del café, la que reviste una gran importancia para la Paz y la sobrevivencia de la Revolución Popular Sandinista.

Adjuntamos otras informaciones que esperamos sean de utilidad en la organización de las Brigadas del Café 87-88.

Saludos fraternos

JOSEFINA VILLALBA
JEFE DE COMISION NACIONAL
RELACIONES INTERNACIONALES
JUVENTUD SANDINISTA 19 DE JULIO.

Figura 10: Convite da Juventude Sandinista 19 de Julio ao PT para o envio de voluntários para a colheita do café na safra 1987/88. Fonte: arquivo pessoal do advogado Luiz Eduardo Greenhalgh.

Figura 11: Convocatória da SRI do PT para inscrição de militantes na formação de uma brigada brasileira de colheita de café em 1987. Fonte: arquivo pessoal do advogado Luiz Eduardo Greenhalgh.

Figura 12: Greve de fome do padre Miguel D'Escoto contra a intervenção norte-americana na Nicarágua (julho/agosto de 1985). À esquerda, dom Pedro Casaldáliga e, à direita, o padre canadense Roberto Granmaison. Foto: autoria desconhecida.

Figura 13: Campanha “Tirem as mãos da Nicarágua” faz manifestação na Avenida Paulista, em 1983.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou analisar a opção do Partido dos Trabalhadores por uma política internacionalista com foco na América Latina na década de 1980, quando da sua fase de formação e consolidação social, a partir da influência da Revolução Sandinista.

Foram compiladas as ações de solidariedade desenvolvidas naquele período, bem como analisamos documentos oficiais do partido e bibliografia especializada em arquivos públicos e privados, além de realizar entrevistas com dirigentes e militantes que participaram na definição e implementação dessa política.

Em termos históricos, a Revolução Sandinista (1979) e a criação do PT (1980) coincidem com o fim da Guerra Fria, a ascensão da era republicana nos Estados Unidos da América e o avanço do conservadorismo neoliberal. Essa conjuntura teve um grande impacto na promoção do sentimento de solidariedade e de recuperação do internacionalismo, que havia sofrido um refluxo no final dos anos 1960 e início dos anos 1970 por conta da derrota das guerrilhas espalhadas pelo continente.

O tempo e a distância em relação aos fatos que embasam a dissertação não permitiram encontrar todos os personagens da época que, certamente, enriqueceriam ainda mais o trabalho. Some-se a isso os limites dos arquivos existentes. No entanto, é possível vislumbrar a continuidade da pesquisa com uma visita de campo e a realização de uma nova rodada de entrevistas, dessa vez privilegiando novos sujeitos e abordagens conceituais.

Da forma como está, a pesquisa pode e espera contribuir para a preservação da memória do Partido dos Trabalhadores, para os acervos públicos e privados e para todos aqueles pesquisadores que se interessam pelo tema das revoluções na América Latina. É o caso do site Nicarágua Internacionalista

<https://nicaraquainternacionalista2016.wordpress.com/category/galeria/fotos/page/3/>

Uma publicação da dissertação não está descartada e os desdobramentos dessa experiência que marcaram uma geração de jovens brasileiros indicam um campo de elaboração teórica com base na solidariedade e no internacionalismo.

Por isso, uma de nossas hipóteses é que esta fase de construção inicial do petismo marcada por uma visão latino-americanista pode ter colaborado para a adoção de uma

política externa mais soberana, independente e claramente favorável à integração regional do governo brasileiro na era Lula (2003-2010). A prioridade nas relações Sul-Sul, a diversificação da pauta de exportações fora do eixo tradicional (Estados Unidos e Europa) e o uso da diplomacia como instrumento de inserção internacional soberana são elementos constitutivos de uma opção política que guarda semelhança com aquilo que foram as relações internacionais do partido na década de 1980.

Figura 14: Brigadistas brasileiros em Matagalpa, em janeiro de 1987. (Foto: autor desconhecido)

Figura 15: Brigadistas brasileiros caminham nas primeiras horas da manhã para a colheita de café em Matagalpa, em janeiro de 1987. (Foto: autor desconhecido)

Figura 16: Brigadistas brasileiros participam de manifestação popular no município de San Ramon contra a liberação de mais recursos financeiros do governo de Ronald Reagan para financiar a guerra na Nicarágua.

Figura 17: Imagem com fotos de internacionalistas de diferentes nacionalidades que morreram em atividades de solidariedade no país. As figuras 14 e 15 estão disponíveis em <https://nicaraguainternacionalista2016.wordpress.com/category/galeria/fotos/page/3/>

Conferência de Solidariedade à Nicarágua e pela Paz na América Central

São Paulo, 20 de julho de 1985

Douglas Mansur

Mesa Diretora dos trabalhos: Professor Alfredo Bosi — professor titular da Universidade de São Paulo — presidente; Goffredo Telles Jr. — jurista; Márcio Santilli — Deputado Federal do PMDB (pela Comissão de Relações Internacionais do PMDB); Gilmar Carneiro — Executiva Nacional da CUT; Cândido Hilário — CONCLAT e pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo; Antonio Pereira — vereador pelo PDT do Rio de Janeiro e diretoria do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro; Ramos de Oliveira — vereador representando a Câmara de Vereadores de São Bernardo do Campo; Fúlvio Abramo — jornalista; Wolfgang Leo Maar — vice-presidente da ANDES; Edmundo M. Oliveira — jornalista.

Participou dos trabalhos da Conferência de Solidariedade à Nicarágua e Pela Paz na América Central o Sr. Embaixador da Nicarágua no Brasil Ernesto Gutierrez.

A Conferência de Solidariedade à Nicarágua e pela Paz na América Central reuniu na Assembleia Legislativa de São Paulo, no dia 20 de julho, cerca de 300 pessoas, entre personalidades democráticas e representantes de mais de 60 entidades. Contando com a participação do Sr. Ernesto Gutierrez, Embaixador da Nicarágua no Brasil, a Conferência discutiu e aprovou uma série de resoluções, publicadas neste boletim. Além dessas resoluções a Conferência considerou necessário afirmar seu apoio a todas as demais iniciativas de solidariedade que se desenvolvem; em particular, neste momento, à campanha Nicarágua

deve Sobreviver.

Para dar encaminhamento às decisões tomadas foi constituída uma representação, composta pela mesa diretora dos trabalhos e pelas entidades nacionais presentes — aberta à adesão de entidades e personalidades.

Ela deverá solicitar audiência junto ao Itamaraty, para apresentar ao governo brasileiro as resoluções aprovadas, que cobram uma tomada de posição mais efetiva do governo na defesa da soberania da Nicarágua, do direito de autodeterminação dos povos e no estreitamento das relações de cooperação entre os dois países.

Figura 18: Publicação avulsa divulgada por um conjunto de entidades da sociedade civil que organizaram um ato de solidariedade aos povos da América Central em 20 de julho de 1985, como parte das comemorações do sexto aniversário da Revolução Sandinista.

Figura 19: Diploma de participação na colheita de café na safra 1986/87 da brigadista catarinense Viviane Goulart.
 Fonte: Internacionalistas Brasileiros na Nicarágua.

Figura 20: Cartaz do movimento de solidariedade brasileiro à Revolução Sandinista (1984).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Zilah Wendel e **MAUÉS**, Flamarion (orgs.). *Pela democracia, contra o arbítrio: a oposição democrática, do golpe de 1964 à campanha das Diretas Já*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

BETTO, Frei. *Nicarágua Livre – o primeiro passo*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BELLI, Gioconda. *El país bajo mil piel: memorias de amor y guerra*. Nova Iorque: Vintage Español, 2003.

BOND, Rosana. *Nicarágua – a bala na agulha*. São Paulo: Editora Ícone, 1987.

BRESSER-PEREIRA, Luis Carlos. Dados disponíveis <http://www.bresserpereira.org.br/>

CASALDÁLIGA, Pedro. *Poema ao internacionalista*. 1985. Disponível em <http://www.envio.org.ni/articulo/491>.

CASTAÑEDA, Jorge G. *Utopia desarmada – intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CASTRO, Maria Silvia Portella de. *Uruguai – coleção Nossa América Nuestra*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016.

DEMIERRE, Jacqueline. *Carta ao povo nicaraguense*. 1986. Disponível em <http://www.envio.org.ni/articulo/491>.

DUSSEL, Enrique. *Caminhos de libertação latino-americana*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

FERREIRA, Marieta de Moraes e **FORTES**, Alexandre. *Muitos caminhos, uma estrela – Memórias de Militantes do PT (Volume I)*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

FRENTE SANDINISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL. Programa de Governo (1969). <http://americo.usal.es/oir/opal/Documentos/Nicaragua/FSLN/PROGRAMA%20HISTORICO%20DEL%20FSLN.pdf>.

GIRARDI, Giulio. *Sandinismo, marxismo y cristianismo en la Nueva Nicaragua*. Manágua: Editorial Nueva Nicaragua, 1986.

HOBBSAWN, Eric. *Tempos interessantes – uma vida no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LÖWY, Michael (org.). *O marxismo na América Latina – uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 3ª edição ampliada, 2012.

MAGALHÃES, Mário. *Marighella – o guerrilheiro que incendiou o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, Seção do Arquivo Histórico. Fontes: pasta 16.4.6 – 900 (B-37) (XX) - Relações Políticas entre País – Nicarágua, e pasta 16.2.6 – 900 (B34) / (B38).

NICARÁGUA. Mapa físico e administrativo. Disponível em: <http://www.guiageo-americas.com/mapas/nicaragua.htm>.

NICARÁGUA INTERNACIONALISTA. *Imagens e textos sobre o internacionalismo na Nicarágua*.
<https://nicaraguainternacionalista2016.wordpress.com/category/galeria/fotos/page/3/>

NOVAES, R.C.R. “CEBs: objeto e sujeitos”. In: **PAIVA**, V.P. *Catolicismo, Educação e Ciência*. São Paulo: Loyola, 1991.

PARTIDO DOS TRABALHADORES, 13º Encontro Nacional, 2006. Disponível em http://csbh.fpabramo.org.br/uploads/2006_XIII_Encontro%20Nacional.pdf.

PÉREZ-BALTODANO, Andrés. *Entre el Estado conquistador y el Estado-Nación: providencialismo, pensamiento político y estructuras de poder en el desarrollo de Nicaragua*. Manágua: Instituto de História de Nicarágua y Centroamerica – IHNCA/UCA, 2003.

PIVA, Marco Antonio e **REDDING-CRUZ**, Marcia. *Nicarágua – um povo e sua história (1552-1984)*. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

_____. *Fazendo amor na Nicarágua*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1985.

RAMIREZ, Sergio. *El pensamiento vivo de Sandino*. Manágua: Editorial Nueva Nicarágua, 1981.

_____. *Adiós muchachos*. Madri: Santillana Ediciones Generales, 2011.

RIBEIRO, Neusa Maria Lopes; **RUSSOMANO**, Maria Shirley; **RIBEIRO**, Eduardo M.; **STUART**, Jennifer. *Nicarágua vista sob as origens do sandinismo*. São Paulo: mimeo. [s/e], 1982.

RIBEIRO DE OLIVEIRA, Pedro. *A Igreja dos pobres e a atividade político-partidária*. In: *Tempo e Presença* (revista), nº 1, ano 5. São Paulo: CEDI, 1989.

SADER, Emir. *O poder, cadê o poder? – Ensaio para uma nova esquerda*. São Paulo: Boitempo Editorial, 3ª reimpressão, 2003.

SANDINO, Augusto Cesar. Manifesto Político (1927). Disponível em

<http://www.elpaiscanario.com/primer-manifiesto-politico-de-augusto-cesar-sandino/>

_____. *Imagens*. Disponível em

https://www.google.com.br/search?q=augusto+cesar+sandino+biografia&sa=N&rlz=1C1NHXL_pt_

SECCO, Lincoln. *História do PT*. São Paulo: Ateliê Editorial, 3ª edição, 2012.

SELSER, Gregorio. *Sandino, El General de Hombres Libres (prólogo de Miguel Ángel Asturias)*. Buenos Aires: Editorial Triangulo, 1959.

SOUZA LIMA, Luiz Gomes. “Notas sobre as CEBs e a organização política”. In: *Alternativas populares da democracia: Brasil anos 80*. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

SUE-MONTGOMERY, Tommie e **WADE**, Christine. *A Revolução salvadorenha*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

TORRES-RIVAS, Edelberto. *Revoluciones sin cambios revolucionarios*. Cidade do México: F & G Editores, 1998.

CONFERÊNCIA TRICONTINENTAL. *Declaração de princípios e mensagem de Mehdi Bem Barka* disponíveis em <http://www.tricontinental50.net/tricontinental-conference-portuguese/> e <http://www.tricontinental.cu/index.php/quienes-somos>

ZIMMERMANN, Matilde. *A Revolução Nicaraguense*. Tradução de Maria Silvia Mourão Netto. São Paulo: Editora Unesp, 2006

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. *Democracia e Igreja Popular*. São Paulo: EDUC, 2007.